

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios

Os Amores e o culto de Satanaz

TITULO DOS CAPITULOS

PRIMEIRA PARTE, O culto de Satanaz:—I origens e progressos dos mysterios.—II A Demonomania dos antigos.—III As seitas heresiarchas e as suas ceremonias.—IV Festas licenciosas do seculo xii.—V Votos e maleficios consagrados.—VI Profanações dos seculos xiv e xvi.—VII As missas e ceremonias escandalosas do seculo xvi.—VIII Assembléas satanicas—Missas negras dos feiteiros.—IX Maleficios, sortilégios, sacrilegios e missas negras do seculo xvii.—X Os convulsionarios e as suas doutrinas singulares.—XI O Templo da Maçonaria Egyptica—Cagliostro.—XII Cerimonias sagradas da Revolução.—XIII Missas negras modernas.

SEGUNDA PARTE, Os amores de Satanaz:—I Torpezas dos grandes senhores e do clero.—II Costumes dissolutos dos reis francos e dos bispos da Eidade Média.—III Costumes publicos e privados a partir do seculo xi.—Os possessores demoniacos.—IV As possessas de Loudun e Louviers.—V Os vicios dos seculos xvii e xviii.—VI Os possessos de Morzina.

600 réis

Um grosso e elegante vol. in-8.º gr.

réis 600

A VIDA D'AVENTURAS

TEXAS JACK

O TERROR DOS INDIOS



TEXAS JACK, cujas aventuras, combates, triumphos e soffrimentos estão sendo inseridos na *Vida de Aventuras*, que acabamos de lançar a publico n'uma edição esmerada e economica, é o heroe do dia na Grande America.

TEXAS JACKI Não existe um americano que deixe de preferir tal nome com altivez e veneração.

TEXAS JACK, ha muito já que a fama do celebre aventureiro corre mundo sendo o nome do audacioso *gaúcho* proferido com o respeito e admiração devida aos heroes.

TEXAS JACKI Por tal designação se tornou universalmente conhecido Jack Hawkins, que durante muitos annos habitou a moradia do pae adoptivo, a modesta herdade situada nas margens do rio North-Canadá onde fora recolhido como engado. Educado ali, na floresta virgem, nas proximidades das savanas extensas, theatro das façanhas dos Indios, Jack tornou-se rapidamente um soberbo e herculeo corredor de bosques, cuja coragem, força physica e destreza provocaram, cem leguas em redor, o entusiasmo e a admiração!

Aos 16 annos Texas Jack era o mais fino cavalleiro, o mais destro atirador e o mais intrepido caçador de Indios.

Foi, quando contava tal idade, que os Pelles Vermelhas atacaram uma noite a herdade e a incendiaram, depois de chacinar os moradores. Texas Jack conseguiu escapar a carnificina e, n'essa hora tragica, quando viu assassinados quanto lhe eram caros, quando viu desfeitas todas as suas illusões de mocidade, jurou sobre as ruinas fumegantes tirar de todos os Pelles Vermelhas terrível vingança!

E cumpriu o juramento como adolescente, como homem e como velho.

A *Vida de Aventuras* publica-se em numeros quinzenaes, formato 8.º gr., typo novo e excellente papel, contendo cada um **UMA OBRA COMPLETA** ao preço de **60 réis cada numero.**

Obras publicadas:

N.º 1 Um heroe de desesseis annos. N.º 2 Os corvos da California. N.º 3 Mulher Demonio. N.º 4 O massacre de Camp-Lancaster. N.º 5 O ultimo rei dos Comanches. N.º 6 Os pesquisadores d'ouro de Arizona. N.º 7 Texas Jack, polioia. N.º 8 O castello mysterioso. N.º 9 O segredo do caçador. N.º 10 Desforra sangrenta. N.º 11 O Martyrio da virgem loira. N.º 12 A vingança do Mormon. N.º 13 Corrida para a morte. N.º 14 A rainha dos bandidos. N.º 15 Como Texas Jack encontrou seu pae

NO PRELO

A mala-posta de Formington etc., etc.

Cada serie de 10 numeros (pagamento adnatado) 600 réis.

ACB
823.91
D598.99
P47
V. 2
Vol. 46.

Os Pyrilampos de Nova York

CONAN DOYLE

CAPITULO I

Fogo, fogo!

Era de noite. O ceu da gigantesca cidade New-York estava avermelhado por um lugubre clarão.

Declarara-se um medonho incendio em Bowery, n'aquella comprida rua que é uma das mais frequentadas arterias de communicação de New-York.

Este incendio era tanto mais perigoso, quanto é certo que as casas de Bowery são quasi todas muito velhas, e constituem por isso um excellenté combustivel.

Nas proximidades do predio envolto em chammas estava situado o theatro e outras casas de divertimentos.

O incendio devia ter rebentado repentinamente. Pois que um quarto de hora antes, segundo diziam algumas pessoas, não se via a mais pequena coisa que denunciasse uma tal catastrophe.

As janellas estavam imersas em profunda escuridão, os estabelecimentos fechados, e tudo no predio parecia dormir.

De repente ouviam-se gritos afflictivos pedindo socorro e as janellas do ultimo andar abriram-se com violencia.

O fogo propagara-se com tal violencia no interior do edificio, que alguns moradores não tiveram tempo de alcançar a escada.

Muitos em trajes menores tinham-se afirado á rua, tendo alguns d'elles recebido lesões de graves consequencias.

Bem depressa irrompiam do telhado as chammas com extraordinaria violencia e egualmente as janellas do ultimo andar começavam a vomitar labaredas á distancia de alguns metros.

Mas onde o destruidor elemento lavrava com maior intensidade era nos baixos do edificio, onde estava estabelecida uma grande casa commercial que abria havia quasi um anno com o nome chibante de «Star of the Bowery».

A Star, ou, para nos servirmos da traducção portugueza, a «Estrella de Bowery», era um d'aquelles estabelecimentos onde se encontra um pouco de tudo que o homem precisa, ou mais propriamente, não precisa.

Vendia carnes e legumes assim como artigos de seda, pannos de linho, vestuario para homens e senhoras, calçado, cigarros, navalhas de barba, flores, papel, livros, artigos de escriptorio... em summa, se quizermos descrever todos os artigos que se achavam á venda na «Estrella, encheriamos dois ou tres livros como este, e essa leitura nada interessaria os nossos leitores.

O fundador e proprietario da «Estrella, era um homem ainda novo que devia ser dotado d'um genio emprehendedor. Pois que de contrario, tão novo ainda, não se teria aventurado a um negocio tão desenvolvido.

Calculava se que o sr. Abraham Fisch teria vinte annos pouco mais ou menos.

O seu nariz adunco, o cabelo negro encaracolado, o queixo pronunciadamente saliente... tudo isto denunciava n'elle um judeu d'origem russa do que emigram annualmente aos milhares.

O sr. Abraham Fisch, que sem duvida viera para a America na idade de 7 ou 8 annos, pois que falava correctamente o inglez e negava a sua origem russo-judaica, não só na maneira de vestir mas tambem na ousadia com que, na melhor das intenções, se apresentava como um verdadeiro yankee; o sr. Abraham Fisch, diziamos nós, tinha ja toda a escola americana.

Ninguém sabia em Bowery d'onde elle tinha vin-

do, quando fundou a sua «Star of the Bowery». Mas em todo o caso, devia dispor de grandes capitaes, pois que de contrario seria impossivel a fundação d'uma tal casa commercial.

Contratára um grande numero de caixeiros e caixeiros.

O chefe estava sentado no seu escriptorio particular onde recebia os representantes das grandes firmas a quem fazia grandes encomendas ou então occupava-se com assumptos de caixa sempre que estes se referiam a entradas de dinheiro. Nesta parte desenvolvia elle as melhores qualidades da sua graciosa personalidade.

No tocante, porem, aos pagamentos de sua casa, começaram bem depressa a surgir difficuldades.

Commerciantes dos mais conceituados abanavam a cabeça quando passavam pela «Star».

Prophetisavam que aquillo não duraria mais do que um verão.

Bem depressa se soube que o sr. Abraham Fisch estava sendo muito apertado pelos seus credores, e que as firmas que lhe faziam os mais importantes fornecimentos inutilmente lhe apresentavam as suas contas para pagamento.

Mas tudo isto parecia não incomodar muito o sr. Abraham Fisch.

Andava vestido com suprema elegancia, e quando á noite fachava os seus armazens, era o ultimo a sahír, e, accendendo um charuto, caminhava com um alegre sorriso como um homem que houvesse feito rapidos progressos durante o dia.

Tomava então algum «cab» (trem de praça), que passava e ordenava ao cocheiro que o conduzisse a algum restaurante, ou a algum local de divertimento de New-York.

Mas eis que toda aquella magnificencia que Fisch fundára tinha agora um fim.

A casa onde estava installada a «Star», era pasto das chammas e terrível lavrava o incendio nos armazens, consumindo tudo que n'elles se amontoava.

E, segundo o calculo approximado dos entendidos, as fazendas ali existentes deviam elevar-se a centenas de milhares de dollars.

Até agora tinha o incendio lavrado livremente, se assim se deve dizer, em harmonia com as leis.

Logo que se ouviram os primeiros gritos de socorro, abriu-se uma janella do ultimo andar e apparecerem n'ella algumas pessoas que no auge do desespero gritavam:—Fogo! Fogo!—Logo a seguir, o policia que estava de serviço á esquina de Bowery e Grandstreet, correu para o avisador de incendios.

Chegando junto do apparelho partiu-lhe o vidro com a sua vara e dando umas voltas rapidas á manivella que apparecera a descoberto, participou á estação de bombeiros mais proxima, a rua e o local em que rebentara o incendio.

O movimento que o policia imprimira á manivella do apparelho puzera immediatamente um mecanismo em movimento, por meio do qual os arrieos pendurados por cima dos cavallos, cahiam sobre estes.

Automaticamente apertaram-se todas as fivellas e

ligaram-se aos carros, de maneira que estes em menos de um minuto estavam atrelados e promptos a sahír.

O piquete de serviço vestira-se rapidamente. Mas não precisam perder tempo a descer escadas, porque agarrando-se ás varas, de que acima fallamos, deixando-se escorregar vertiginosamente por ellas até ao solo, porque quando chegam á altura do vehiculo que os ha-de conduzir desviam as pernas da vara e dando um balanço ao corpo saltam directamente para o carro onde vão occupar o seu logar.

Tudo isto é feito com rapidez pasmosa e em muito menos tempo do que eu levei a descrevel-o.

Logo que os bombeiros chegaram ao local do incendio, adoptou o commandante todas as medidas de precaução, que lhe pareceram de utilidade.

Porém, quando quizeram entrar no estabelecimento incendiado, irromperam pela porta arrombada tão violentas labaredas que todos tiveram immediatamente que recuar.

Tudo ali era um mar de fogo, e o calor de tal ordem que ninguem se podia conservar nas proximidades.

Em menos de um quarto de hora, todo o predio de dois andares estava em chammas.

Só então viu o commandante dos bombeiros que era impossivel salvar este edificio, e que antes de tudo lhe cumpria defender o theatro e os outros edificios das proximidades.

Do lado do mar soprava um vento rijo sobre New-York. E isto constitua um grande perigo.

Este vento impellia faulhas, como um semeador espalha as sementes.

Sobre todos os telhados visinhos cahiam as labaredas ameaçando incendial-os.

—Deixem-me! deixem-me! exclamou de repente uma voz d'entre a multidão que estacionava em Bowery, estou arruinado! Cahi num abysmo! Salvem-me, senhores! Socorro! Meu armazem... o meu dinheiro... toda a minha fortuna! Estou arruinado!

Tudo recoum comovido.

Um mancebo elegantemente vestido a quem cahira o chapéo da cabeça, precipitou-se como um louco para junto do edificio incendiado.

—E! o Abraham Fisch! exclamaram algumas pessoas, Vejamos como elle pte as mãos! Cahi de joelhos na calçada! Está a rezar!

—Olhem como elle arranca os cabellos! junto uma mulher penalizada, o pobre homem vê desaparecer os seus teres e haveres!

E na realidade Abraham Fisch chorava e soluçava estorvando os bombeiros de salvarem as preciosas fazendas.

Mas obrigaram-no a afastar-se porque elle não era alli preciso, e era necessario terreno livre para o trabalho das mangueiras que trabalhavam incessantemente e apesar da enorme quantidade d'agua despejada naquelle brazeiro, os bombeiros não conseguiam dominar o terrível elemento.

De repente produziu-se um acontecimento inesperado para o qual não estavam preparados os «mirrões» que enchiam os passeios de Bowery.

Lá em cima debaixo do telhado fora despedaçado um vidro d'uma janella, vindo os estilhaços cabir no meio da rua.

Apareceu então no caixilho da janella, que era tão estreito que mal daria passagem ao corpo de um homem, um mancebo apenas em camisa, gritando desesperadamente por soccorro.

—Morro queimado! As chammas... suffoco... já não tenho sahida! Soccorro! Soccorro!

O infeliz que gritára tão afflictivamente estava já envolvido pelas chammas; pelo menos via-se no fundo do quarto subir um mar de fogo, que sem duvida lhe tornaria impossivel a retirada pela porta.

As escadas do edificio tinham já abatido estrondosamente, de maneira que ainda mesmo que o desgraçado alcançasse a porta do quarto tornava-se-lhe impossivel a retirada pelo interior do predio.

Só lhe restava um recurso: ou arriscar-se a saltar lá de cima, ou irem-no buscar por meio de alguma escada de mão.

O commandante dos bombeiros não reflectiu nem um segundo.

Mandou estender a tela de salvação e gritou para cima com voz trovejante:

—Fôrme balanço no parapeito e atire-se para baixo, senão está perdido.

Mas o desgraçado teve medo de dar o salto no vacuo.

Punha as mãos, levava-as á cabeça, chorava e implorava, mas não se atrevia á perigosa viagem aerea.

—Colloquem uma escada, ordenou o commandante.

Neste momento as paredes davam de si e ameaçavam vir abaixo.

—Avancem os voluntarios! ordenou a superintendente. Quem quer subir para salvar aquelle desgraçado?

—Elle já desapareceu da janella! disseram alguns bombeiros, aquelle já não tem salvação possivel.

—Ninguém se atreve? disse o commandante meando a cabeça.

Ao mesmo tempo pensava que a sua gente não deixava de ter razão, que realmente seria um sacrificio inutil que alguém se atrevesse a entrar naquella fornalha para salvar não encontrar senão um cadaver.

—Na realidade já não se vê, accrescentou elle, continuemos a nossa faina. Alli já nada ha que fazer.

—Julgá isso sr. commandante? cuviu-se de repente uma voz e um homem imberbe elegantemente vestido endoçou-se da fila dos curiosos e fixou penetrantemente o empregado responsavel, eu sou d'outra opinião.

—A sua opinião «mister» é-me completamente indifferente, ajuntou o commandante e quiz affastar o magro importuno.

Mas no mesmo momento o empregado estupefacto recebeu um violento encontrão no peito e com voz trovejante gritava-lhe o esguio intruso:

—Isso é uma baixeza ignobil, que o sr. deixe alli dentro perder-se a vida de um homem, sr. commandante.

«Deve-se, pelo menos tentar salvar-o. Nada prova que o desgraçado esteja morto lá em cima, e se já o não vemos á janella, é porque elle sem duvida procura a salvação por outro caminho, que certamente não encontrará.

«Em todo o caso deve-se subir e tentar salvar o homem.

«E se nos bombeiros de New-York não ha homens com coração e coragem para se arriscarem nesta empreza, eu mesmo o farei!

Sem se importar com a cara assarapantada e encolerisada do commandante, o franzino mancebo avançou para a escada e galgou os degraus com uma velocidade tal, que era indício grande agilidade e energia. A multidão applaudia freneticamente.

Nada enthusiasma mais o americano do que o animo arrojado.

De resto havia aqui motivo para se enthusiasmarem com a audacia do homem, quer elle conseguisse ou não o seu fim.

Pois que este puzera incondicionalmente a sua vida em jogo. Sim, porque até era de apostar dez contra um, que elle perderia a vida n'esta perigosissima aventura.

A fachada já oscillava perigosamente, n'alguns pontos as paredes já se desmoronavam, e esperava-se a todo o momento que o telhado abatesse para o interior do edificio.

N'este caso ficaria tudo que ainda vivesse no interior do edificio, sepultado n'elle, e sem duvida tambem o ousado salvador se ahi tambem já tivesse penetrado.

O audacioso homem sentia que a escada oscillava debaixo d'elle é que as paredes se fendiam, mas parecia importar-se pouco com isso.

Com o olhar fito na janella que elle queria alcançar, passou o primeiro andar, depois o segundo, e chegou finalmente á janella da mansarda no caixilho da qual apparecera pouco antes o desesperado mancebo que em vão implorava soccorro.

Immediatamente o bravo salvador desaparecia galgando o peitoril da janella.

Um murmurio de apprehensão prepassou pela fila dos espectadores, pois que todos duvidavam que aquelle valente tornasse a ser visto com vida. Parecia perdido.

Mas deixemos por agora a multidão embasbacada e tremendo de commoção, e sigamos o nosso ousado salvador.

Tinha penetrado n'uma mansarda miseravelmente mobilada.

Aqui lavrava já o fogo com intensidade e se a janella aberta não dêsse sahida ao fumo, o atrevido salvador teria immediatamente morrido asphixiado.

O magro desconhecido viu, que tambem uma cama estava envolta em chammas. Junto da cama havia uma pequena escada que conduzia a um alçapão superior. Não havia duvida que o homem tentára sahir por este alçapão para o telhado da casa. Lá em cima, porém, o fogo devia lavrar com tal intensidade, que as chammas teriam invadido o aposento.

Porém, o ousado mancebo não se amedrontou com isso. Galgou a escada e levantou o alçaço.

O salvador recuou um passo, para se não queimar com as labaredas que por ali penetravam.

Mas bem depressa recobrou o animo, pois que tinha visto mesmo junto da porta dois péis.

Agarrou-os com ambas as mãos.

Depois recuando na escada puxou o corpo para baixo. Tudo isto fôra tão rápido, que não durara dois minutos.

Mas o salvador não devia arriscar a permanecer por mais tempo no prédio, porque o telhado começava já a abater. Tomou o corpo immovel, nos braços, saltou para a janella e balçou-se com elle na escada. De repente deixou-se escorregar pela escada gritando para baixo:

—Para traz gente! para traz! A casa vaee abater, se não quereis ficar soterrados, fugi depressa.

Elle proprio, logo que chegou abaixo, atirou se como um ousado nadador, para a onda humana que agora recuava para fugir do perigosissimo local.

Crac—um medonho estalar e logo em seguida um estrondo aterrador—o telhado precipitara-se com extraordinaria violencia no interior do edificio, e arrastára consigo, despedaçando as, as paredes.

O edificio incendiado assemelhava se agora a um enorme montão de ruínas. O'nde sahiam columnas de fogo e rolos de fumo densissimo.

Grande numero de agulhetas começaram immediatamente a inundar aquelle brazeiro.

Só agora chegára o momento em que se tornava possivel defender os edificios proximos; só agora depois da derrocada é que poderiam finalmente, ser senhores do terrivel incendio.

Com gritos de jubilo rodeava agora a multidão o bravo homem que se atrevera a penetrar no incendio.

—Está vivo? Salvou-o? exclamavam centenas de vozes e enquanto elle depunha o corpo, que salvára das chammas, na larga escada do theatro situado proximo do prédio consummido pelo fogo.

—Com os demonios, deixem-me! Ainda não sei se elle vive!

—Como se chama o senhor, como se chama? exclamavam muitas vozes e alguns informadores de jornaes apparatus avidamente os seus lapis e puxavam pelos livros de apontamentos.

—Eu sou do «Word».

—Eu sou do «Morning Journal».

—Eu sou do «New Yorker Staatszeitung».

—Cavalheiro, o senhor tornou se digno de admiração. Não tem por acaso um retrato seu na algebeira?

—Cavalheiro, rogo-lhe a fineza de me dizer, com que nome havemos nós de apresentar aos nossos leitores, o nobre mancebo que esta noite praticou um tal acto de heroicidade?

—Vão todos para o diabo! respondeu o franzino mas valente homem, voltando as costas aos reporters, se não me conhecem, tambem não tenho necessidade nenhuma de lhes dizer o meu nome.

—Conhecel-o? E' o senhor então alguma personalidade conhecida?

—Oh! deixa ver! disse um dos reporters e aproximando se do salvador, começou a examinar-lhe o auzar peritel e os seus grandes olhos cinzentos.

Em seguida voltou-se para os collegas e gritou triumphantemente:

—Sim, meus senhores, onde tinhamos nós os olhos? Este é...

—Quem? quem? interrogaram os outros reporters.

—Julgam-me os senhores tão estúpido que lhes fosse dizer abertamente quem é o nobre salvador?

«Sei-o eu, e amanhã de manhã os leitores do «World, e é o bastante. Good by, meus senhores!

Mas ainda o reporter tão mau collega se não tinha afastado dez passos, e já os collegas se lhe tinham reunido e ameaçavam lynchal-o, se elle lhes não dissesse o nome.

—Pois seja, disse o reporter do «World», mas espero que n'outra qualquer occasião me prestareis identico servico, gentleman.

—Pode contar com isso, tem a nossa palavra! Mas por Deus diga-nos quem é o arrojado que se atreveu a penetrar nas chammas d'aquella fornalha?

—Quem? Um homem que já tem praticado outros grandes feitos, um homem, que tem a admiração das cinco partes do mundo! Não é outro senão o grande criminalista Sherlock Holmes!!

CAPITULO II

O que um par de botas de montar conta ao criminalista

—Está morto!

Com estas palavras, levantou-se Holmes do pé do cadaver que jazia nas escadas do theatro.

Elle sabia que não tinha arrancado ás chammas senão um corpo inanimado.

O desgraçado apresentava terriveis queimaduras, mas evidentemente a morte fora produzida pela asphyxia causada pelo fumo. Um capitão de policia approximara-se de Sherlock Holmes e perguntara-lhe quem elle era. Felicitou o pela sua coragem e presençã de espirito.

—Como vê capitão, respondeu Holmes tranquillamente, para aquelle de nada serviu, e indico o cadaver.

—Julguei poder salvar alguém, e afinal arrisquei a minha vida por causa de um morto.

«Todavia não estou arrependido de o ter feito, pois espero que este morto nos comprovará alguma coisa.

—Como entende o senhor isso? perguntou o capitão de policia surprehendido.

—Peço-lhe, sr. coronel, peça-lhe sr. capitão que mande conduzir o cadaver para a estação policial.

«Desejo ali occupar-me com o cadaver, eu sou... o policia Sherlock Holmes de Londres.

O capitão de policia recouu um passo surprehendo ainda mais e exclamou:

—Realmente? O celebre criminalista? Ah! sr. Holmes permitta que lhe aperte a mão.

Immediatamente deu o capitão ordem para a remoção do cadaver para a estação que de resto, ficava a uns tresentos passos do local onde se achava o cadaver.

Elle proprio seguiu com Sherlock Holmes os carregadores, que transportavam o cadaver n'um esquife.

—Preciso dizer lhe com toda a franqueza, capitão, disse Holmes caminhando ao lado do official da policia, que penetrei na casa incendiada com justos motivos e bem considerada intenção.

—Sim?! não se tratava então para o senhor de salvar uma vida humana?

—Talvez o meu feito diminua aos seus olhos, se lhe disser que não. Respondeu o policia. Mas na realidade assim é.

«O senhor deve saber que ha quinze dias que eu me encontro aqui em New-York, e tambem lhe posso confiar o fim para que aqui vim.

—Eu saberei tornar me digno da sua confiança, sr. Holmes, disse o capitão cortezmente.

—Pois então, continuou Sherlock Holmes, deve saber que n'estes ultimos tempos, de ha dois annos a esta parte, tem-se tornado extraordinario o numero de incendios que se dão em New-York.

Muito principalmente tem ardidito muitos armazens e grandes casas de commercio, e as valiosas fazendas que os guarnecem tem sido pasto das chammias

—Na verdade assim é, confirmou o capitão, e nós do quartel general da policia estamos em frente de um enigma.

«Pois que não é crível que todos os incendios tenham sido casuaes ou provenientes de descuido.

«Um verdadeiro exercito de secretas do quartel general da policia de New-York, já ha muito se occupa com a solução d'esse enigma, para investigar se não se trata de fogos postos planeados por mão de mestre no assumpto?

—Ora é para esclarecer isto que eu aqui eston, replicou Sherlock Holmes.

«Fui aqui chamado pelas companhias de seguros contra o incendio de New-York.

«As direcções já não sabem que partido tomar. N'estes ultimos dois annos tem pago prejuizos de incendios numa importancia tal, que a sua existencia esta muito ameaçada.

«A «Fire Insurance Company de New-York» só á sua parte tem tido uma perda de dezeseite milhões de dollars n'estes dois annos.

«E' claro que só esta companhia tem pago mais de dezeseite milhões de dollars por incendios, do que pagará termo medio nos annos anteriores.

«Outras companhias estão igualmente em serios embarços. Em summa, as companhias de seguro jul-

gam que se está em presença de um caso muito grave, e que se isto assim continuar serão forçadas a reunir os seus accionistas e propor-lhes a liquidação.

«Por isso o sr. Brook, presidente da «Fire Insurance Company de New-York», em nome de todas as companhias, me chamou a esta cidade, para ver se eu consigo descobrir os auctores e os fins de todos estes incendios mysteriosos.

—Julga então o sr. Holmes que se trata de um bando?

—Sem duvida, confirmou o criminalista.

«Um só homem, não era possivel machinar tantas desgraças.

«Tem acontecido declararem se com violencia quatro incendios ao mesmo tempo em New-York, e para isso deve operar uma grande columna de criminosos.

«Eu tenho observado alguns d'esses incendios, e tenho visto que rebentam com um certo methodo, isto é, que todos elles se declaram pelo mesmo e bem meditado systema.

«Ordinariamente o fogo rebenta nos baixos dos predios, ou seja, nos armazens atulhados de fazendas.

«Mas para augmentar mais a confusão, cinco minutos depois já se veem as chammias irromper pelo telhado.

«Constatai então, que o fogo junto ao telhado, ordinariamente abrange uma pequena extensão, e que evidentemente é posto n'aquelle pncito, só para desviar as attentões dos armazens, para que o fogo que lavra n'estes não possa ser extinto tão rapidamente.

«Quando eu hoje passava pela Grandstreet rebentava o incendio. E tive occasião de presenciar que o systema empregado fôra o mesmo dos incendios anteriores.

«De resto, eu avalio em mais de cem mil dollars as fazendas existentes na «Star of the Bowery» e que lá se perderam, e muito me admiraria se o sr. Abraham Fisch, o proprietario da casa, não comparecesse amanhã animosamente sorrindo na companhia de seguros, para apresentar a sua apolice.

—Mas, sr. Holmes, eu vi o homem correndo de um lado para o outro desesperado, replicou o policia.

«Elle chorava e quasi arrancava os cabellos!

—Comedia! respondeu Holmes laconicamente.

«Estou convencido que o homem deitava lagrimas de crocodilo.

«Intimamente ficou elle contentissimo que os bombeiros não pudessem atravessar as chammias, para salvarem alguma coisa dos seus armazens.

—Então temo que prender o homem immediatamente, disse o capitão de policia.

—Sim, se podessemos provar alguma coisa contra elle, acrescentou Holmes.

«N'este momento seria improficuo realisar a sua prisão.

«Antes pelo contrario, devemos deixar lhe toda a liberdade por estes dias mais chegados, e vigial-o atentamente.

«E d'isso me encarrego eu, deixe o por minha conta.

«Mas, como lhe ia contando, estava eu defronte do predio incendiado, quando ouvi gritos de socorro e vi apparecer um homem á janella. Disse então com os meus botões:

«D'este pedido de salvação podes saber alguma coisa, aquelle deve ter assistido ao rebentar do incendio.

«Por isso trepei as escadas, para o salvar, mas infelizmente cheguei muito tarde, o homem já estava asphixiado.

«Mas eis-nos chegados á estação.

«Entremos e vamos ouvir o que este morto nos tem a dizer.

«Levaram o cadaver para um compartimento especial da estação de Grandstreet, e collocaram-no sobre uma meza.

O criminalista e o capitão approximaram-se do cadaver e Holmes começou as suas pesquisas.

Em primeiro logar verificou que o desgraçado, um bonito rapaz, devia ter uns 24 annos.

Parecia ser um christão e era de estatura elevada mas elegante.

Não era possivel que o fogo o surprehendesse a dormir.

Pois que elle trazia vestidas, além da camisa, cujas mangas estavam arregaçadas, umas calças de boa fazenda mettidas por dentro de magnificas botas de montar.

Holmes curvou-se sobre o morto. Quando levantou a cabeça, disse para o capitão que estava ao lado d'elle:

—Mister, faça-me o favor de cheirar o fato do morto.

«Não cheira extraordinariamente a petroleo?

—E' verdade, respondeu o capitão.

O grande criminalista levantou então a mão do morto e cheirou a igualmente.

—Já não tenho duvida nenhuma, murmurou Holmes meneando a cabeça.

«O homem mexeu em petroleo, e até pouco antes de rebentar o incendio.

«Mas eu convenci-me, quando me achava no interior da mansarda, que o fogo fôra alimentado com aspersão de petroleo nos moveis e outros objectos.

—E como é que percebeu isso? inquiriu o capitão.

—Como criminalista tambem o sr. o devia saber, respondeu o interpellado.

«A fumarada que se desenvolve do fogo produzido pelo petroleo tem uma outra cor e o fumo é mais perigoso e venenoso do que o das chammas vulgares, que apenas consomem objectos secos.

«De resto, a rapida propagação do incendio é bem denunciante. Em menos de dez minutos todo o predio estava em chammas!

«Isso não teria sido possivel, se previamente as escadas, o soalho, as camas e outros objectos não tivessem sido besuntados com petroleo.

—Só com isso já está provado o fogo posto, opinou o capitão.

—Para mim está bem provado, disse Holmes, mas

agora do que se trata é de provar que foi Abraham Fisch o auctor.

«E não se trata de o provar só n'este caso, mas tambem em todos os anteriores; só com uma aturada espionagem conseguiremos nós cahir sobre o bando, que aqui criminosamente opéra.

«Então, queira o sr. capitão ter a bondade, disse Holmes, de mandar chamar aqui alguns dos moradores do predio.

«Grande numero de pessoas fugiram da casa incendiada, por conseguinte deviam os dois andares estar habitados.

—E estavam-no, confirmou o capitão.

«Só nas lojas e n'uma parte do primeiro andar é que estavam installados os armazens, o resto estava tudo alugado para habitação, e tudo a gente pobre... ora espere, nós vamos immediatamente saber quem morava n'essa casa.

«Halto, sr. Krown! chamou o capitão.

Appareceu um policia, a quem o capitão deu ordem para ir saber quem morava no predio da Grandstreet 32.

Pois que, comquanto em New-York não haja o recenseamento obrigatorio da população, a policia sabe com extraordinaria precisão quem mora em cada casa. Conhece o caracter e as relações dos moradores de todos os predios, em virtude do magnifico serviço de policia secreta.

O policia Krown voltou pouco depois com uma lista que apresentou ao capitão.

—Duas familias de judeus russos moravam no predio, disse o capitão depois de ter olhado para a lista, além d'estas, tres familias italianas, um pobre encadernador de origem allemã...

—Mande-me chamar esse homem, disse Sherlock Holmes.

«Esse é que deve saber melhor, se o homem que alli está morto pertencia ao predio ou não.

«Faz favor de me dizer, sr. capitão, como se chama esse encadernador?

—Heinze, respondeu o capitão olhando para a lista, Theodor Heinze.

Alguns policias partiram com a missão de ir buscar o encadernador.

Pouco tempo depois apparecia o homem. Não vinha só.

Acompanhavam-no sua mulher e dois filhos já adultos.

A pobre gente tinha recebido vestuario de alguns vizinhos compassivos, pois que todos tinham saltado pela janella só em camisa.

Via se-lhes ainda estampado no rosto o terror de que estavam possuidos; principalmente o velho Heinze, um homem alto de cabello branco, que ainda estava muito tremulo.

Quando foi conduzido á presença de Holmes e do capitão, tiveram que o sentar immediatamente n'uma cadeira.

—Por amor de Deus! o que ha, o que quer a policia de mim? disse o allemão n'um mau inglez.

Nós estamos innocentes no incendio, perdemos to-

dos os nossos haveres, o pouco que eu tinha poupado em trinta annos de New-York!

«Ah! meus pobres filhos, agora teem vocês de me sustentar, a mim e á mãe, porque não sei se depois d'esta terrivel noite ficarei capaz para trabalhar.

—Consola-te meu querido pae, disse um dos filhos para soeogar o velho, tu sabes que nós ambos ganhamos bem e não te deixaremos passar privações.

—Nada tem a recear, sr. Heinze, disse Sherlock Holmes, servindo-se da lingua allemã, que o homem, com quem elle queria coaversar fallava mais correntemente do que a ingleza. O sr. deve apenas responder-me a algumas perguntas.

—Então, meu sr., tenha a bondade de perguntar, disse Heinze levantando-se.

—Veja aquelle homem que alli jaz, ajuntou Holmes, conhece-o?

Heinze observou o cadaver, cujo rosto Holmes limpou da fuligem de que estava recoberto.

Heinze abanou a cabeça e disse:

—Nunca vi este homem.

—Tem a certeza de que elle não morava no seu predio?

—Toda a certeza, assegurou Heinze.

—Mas talvez os seus filhos o reconheçam?

Porém os filhos do encadernador confirmaram que nunca tinham visto semelhante creatura.

Tambem a sr.^a Heinze foi ao principio da mesma opinião.

—Mas espera, onde tenho eu a cabeça?!—exclamou ella de repente.—Ah! meu senhor, não lie ia dando uma falsa informação!

«Com certeza, eu já vi este homem em vida.

—Reflicta bem,—disse Holmes,—erá de grande importancia, se a sr.^a nos pudesse informar da identidade do morto.

«Pois que eu desejava saber, quem era o homem e como se chamava.

—Como se chama?! Isso não sei eu,—respondou a sr.^a Heinze,—mas vio o com certeza.

—E' um angariador de assignaturas de livros, que hontem me bateu á porta a offerecer a assignatura de um romance allemão.

—Ah! um angariador de assignaturas,—replicou Holmes,—ora veja, isso já é alguma coisa.

«E' um *truc* de gatunos, já muito conhecido. Andam com uma mala cheia de livros fingindo-se angariadores e vendedores de livros, para assim entrarem nas casas, e estudarem de relance a sua disposição e como estão guarnecidas.

—Sim, lembro me muito bem,—continuou a sr.^a Heinze,—hontem de manhã, deviam ser umas nove horas, estava eu a descascar batatas quanto me bateram á porta.

Respondi: «Entre quem é» e então entrou este homem com uma grande mala.

«Não quer assignar um novo romance? perguntou-me elle.

«E' um romance allemão que está despertando muito interesse na Alemanha, e que aqui na America deve agradar muito, porque está bem escripto.

—Isso deve ser um romance da livraria do sr. Smith em Broadway,—disse o capitão.—E' uma grande casa.

—Então queira ter a bondade de mandar chamar o sr. Smith. Deve vir já, o seu interrogatorio é muito urgente.

O capitão deu immediatamente as suas ordens.

Um empregado sahio, para ir buscar o livreiro Smith.

—E como despachou o angariador?—proseguiu Holmes voltando se para a sr.^a Heinze.

—Assignou o romance?

—Sim, eu já tinha lido um que me agradára muito e por isso assignei aquelle.

«Depois o homem pediu-me um copo d'agua que eu lhe dei da melhor vontade.

E quando sahio de minha casa dirigiu-se ao andar de cima, e reparei que elle examinava detidamente a escada, como se quizesse fixar bem, todos os detalhes da construcção.

—Muito bem!—disse Holmes esfregando as mãos.

«Elle parecia então querer fixar todos os detalhes da construcção?!

—Ah! isso com certeza.

—Aqui está o sr. Smith.—annunciou um empregado.

Queira entrar, sr. Smith, o capitão precisa fallar-lhe,—disse um outro empregado.

O capitão e o sr. Smith cumprimentaram se como pessoas que se conhecem ha muito.

—Sr. Smith,—disse o capitão apertando a mão ao livreiro,—queira responder a algumas perguntas que o sr. Holmes lhe fará.

«E' o célebre e universal criminalista londrino, e trata-se de fazermos uma constatação.

—Queira ter a bondade de me interrogar,—respondou Smith n'um inglez desembarçado, mas no qual se percebia bem, que elle n'outros tempos se chamara Schmidt * e não Smith.

—Ora queira ter a bondade, sr. Smith, de examinar bem as feições d'este morto,—disse-lhe Holmes.

«Já o tinha visto anteriormente?

—No, Sir (não senhor),—respondou Smith.

—O homem era angariador de assignaturas e vendia romances, mas julgo que se trata de um falso angariador.—proseguiu o policia no seu interrogatorio.

—Eu emprego quarenta a sessenta angariadores e vendedores de livros,—ajuntou Smith,—mas infelizmente não os conheço a todos pessoalmente.

«Ordinariamente quem trata com elles é o meu gerente, mas todos os que trabalham por minha conta, devem trazer consigo um bilhete de identidade da minha casa.

—Elle só tem as calças,—acrescentou Holmes,—infelizmente o seu casaco queimou se.

—Alto lá! exclamou Smith n'este momento,—as botas de montar... sim, eu conheço este homem.

«Recordo-me que elle trazia botas de montar

* Schmidt é nome proprio allemão.

quando ante hontem lhe fallei; este homem estava empregado em minha casa apenas ha tres dias.

—Bom. Ora veja o sr. Smith com os nos vamos approximando—disse sorrindo o criminalista.

Poderá o sr. dizer-me o nome d'elle? Com isso presta-nos um grande serviço.

—O seu nome não adeantarà nada,—respondeu Smith,—o sr. bem deve saber, que estes angariadores dão quasi sempre um nome falso.

«Fazem isso com boas intenções, pois que ordinariamente tratam-se de allemães que na sua patria tinham occupações muito differentes.

«Até condes e principes teem sido meus empregados. Filhos de paes abastados que pelas suas leviandades veem para a America e que aqui lutam com difficuldades.

«Esta gente não deseja que o seu nome de familia seja conhecido, e tomam o nome de Schulze ou Muller.

—Ou tambem Schmidt, disse Sherlock Holmes sorrindo,—Sim, tem razão, o nome não tem importancia; e muito obrigado, sr. Smith. O seu interrogatorio está terminado.

«A familia Heinze tambem se pôde ir embora. Já não preciso d'ella.

—Afinal, não adeantou muito sr. Holmes,—disse o capitão encolhendo os hombros, logo que ficou só com o criminalista.—Continua a não saber quem seja o morto.

—Mas sabel o hei dentro em pouco,—acrescentou Holmes.

As botas de montar que fizeram o sr. Smith reconhecer o homem, é que nos hão-de levar á descoberta do seu nome. Vou levar as botas comigo.

E sem mais preambulos o genial criminalista descalçou as botas ao cadaver.

Embrulhou-as numa folha de papel e saiu com ellas debaixo do braço.

Na manhã seguinte, quando os estabelecimentos de New-York começavam a abrir as suas portas, Sherlock Holmes, vestido decentemente mas com simplicidade, entrava num dos maiores armazens de calçado de New-York, situado na terceira avenida.

Numa tableta por cima da porta lia-se em grandes caracteres:

Especialidade: Botas de montar.

—Posso fallar ao chefe ou gerente da firma?—perguntou Holmes.

Indicaram-lhe immediatamente um sujeito de cabello grisalho, que veiu ao encontro d'elle e lhe perguntou com modo affavel o que desejava.

—Uma pequena informação, responder Holmes.

«Queira ter a bondade de examinar estas botas, conhece-as?

—Estas botas são do nosso fabrico, foi a resposta.

—Vendem-nas os snrs. fora deste estabelecimento, ou só aqui?

—Só nesta casa, mister, ajuntou o fabricante, nós não temos filiaes.

—Seria possivel saber-se a quem foram vendidas estas botas?

—E' provavel que seja possivel. Dado o caso que o comprador as não tenha calçado na occasião e que as tenha mandado levar a casa.

«Ora queira ter a bondade de se sentar e esperar um bocadinho que eu vou já procurar nos nossos livros.

O homem grisalho desapareceu para voltar cinco minutos com a informação:

—Estas botas comprou um tal Morris Boxtrej.

—Ha quanto tempo?

—Oh, ha já mezes.

—Mandaram-lhe então as botas ao seu domicilio?

—Assim foi. O homem não pagou logo as botas; a conta foi paga pelo seu patrão.

—Quem era o patrão.

—O sr. Armstrong, o conhecido millionario da quinta avenida.

—O homem para quem foram estas botas estava ao serviço do sr. Armstrong.

—Sim, era o picador da casa.

—Não preciso mais nada, muito obrigado—disse Holmes contentissimo.

Embrulhou em seguida as botas e sahi.

Encaminhou seus passos para a elegante habitação do sr. Armstrong, na quinta avenida.

CAPITULO III

A filha do millionario

O millionario estava a almoçar, quando lhe vieram annunciar que um tal Holmes lhe desejava fallar.

Não estava muito disposto a recebê-lo, e Sherlock Holmes teve que deixar cahir a mascara e dar se a conhecer, para obter uma entrevista com o millionario.

—Tenho realmente a honra de estar fallando com o celebre criminalista de Londres? perguntou Armstrong que se apressára em vir ao encontro do policia, logo que leu o cartão de visita que Holmes lhe mandou.]

«Seja bemvindo, sr. Holmes, comquanto não me passe pela ideia qual o assumpto que o leva a procurar-me.

—Nenhum assumpto, que lhe diga respeito pessoalmente.

«Mas, quererá o sr. dar-me umas informações, com que prestará um grande serviço á humanidade?

Diga-me, sr. Armstrong, teve o sr. ha oito mezes um picador ao seu serviço, para quem comprou estas botas na casa Frank & Sons.

Isso é uma pergunta singular, disse Armstrong sorrindo, enquanto examinando as botas abanava com a cabeça.

«Mas já sei de quem se trata, sr. Holmes. E' do patife do Boxtrej.

«Pul-o no meio da rua.

«Esse homem sem vergonha, que eu admitti em minha casa, quasi por compaixão, teve o atrevimento de levantar os olhos para minha filha!

«Molestava a minha querida filha com propostas amorosas, durante as lições de equitação!

«Isso deu grigem a expulsão-o immediatamente de minha casa.

—Que qualidade de homem era esse Boxtrex, interrogou Holmes. Era homem educado?

—Julgo que foi official inglez e que teve de fugir do seu paiz, por qualquer facto para mim desconhecido. Sim, elle dizia desvanecido que era filho d'uma familia da primeira sociedade, mas não se lhe podia dar credito, porque elle mentia muito.

—E' o seu nome realmente Morris Boxtrex, ou seria este um falso nome?

—Era o seu verdadeiro nome, confirmou o millionario.

«Mostrou-me papeis que provavam que elle se chamava realmente Boxtrex.

—Supposto que esses papeis não fossem roubados, disse Holmes, o que era muio possivel.

«De resto muito lhe agradeço as suas informações, sr. Armstrong, mas... queria ainda fazer-lhe uma pergunta, mas peço lhe que não se offenda.

—Sr. Holmes, disse Armstrong, nós os americanos não nos arrebatamos tão facilmente, para darmos a todas as coisas um mau sentido.

—Permite-me então que lhe pergunte, se o sr. me poderá dizer, se Boxtrex, que importunava sua filha com propostas amorosas, não seria bem acolhido por ella?

—Quer que lhe diga a verdade?

—E' o seu dever, acrescentou Holmes, pois que se trata de desmascarar criminosos, e de nos apoderarmos d'elles.

—Não comprehendo bem como tudo isso possa ter ligação com essa pergunta, exclamou Armstrong, mas costume sempre ser sincero e por isso lhe vou responder, sr. Holmes:

«Expulsei Boxtrex de minha casa, porque percebi que minha filha começava a interessar se por elle.

—Nisso não ha nada de extraordinario, respondeu Holmes encolhendo os hombros.

«Ser me-ha concedido dirigir algumas perguntas a sua filha, mas... sem testemunhas?!

«Repito-lhe mais uma vez, sr. Armstrong, trata-se de assumpto importantissimo, nada mais de que descobrir o rasto d'um bando de criminosos.

Por unica resposta. Armstrong carregou no botão de uma campainha electrica, e ordenou ao creado que chamasse sua filha.

—Vou deixal-o só com minha filha, sr. Holmes, disse Armstrong. Bem vê que faço tudo, para prestar um serviço á justiça.

—E eu muito lh'o agradeço!, ajuntou Holmes, ah! ahí está já miss Armstrong.

—Mandaste me chamar, papá, disse uma joven elegante, que entrou precipitadamente, oh! está aqui um extranho. Desculpa papá, eu volto depois.

—Não, tem a bondade de ficar, o sr. Holmes deseja fallar comtigo; respondeu o millionario, tomando o passo á joven senhora, e sahindo do aposento.

—Nada receie, miss; se me disser toda a verdade, não lhe acontecerá mal algum, começou o criminalista.

—Sim, e o que me podia então acontecer; exclamou Lucy, eu não me sinto culpada de coisa alguma.

—Miss Armstrong, queira indicar-me uma morada. Eu sou sapateiro. Veja estas botas de montar.

«Concertei as para um senhor, que não as foi buscar, e então pensei que a miss me faria a fineza de me indicar a morada d'esse senhor.

—Sim, mas porque devo conhecer essa morada? perguntou a joven admirada.

Neste momento Holmes chegou-se mais para ella e segredou-lhe:

—A miss conhece a morada... eu pergunto por Morris Boxtrex.

Não escapou a Holmes que a joven empallidecia e que um tremor lhe percorrera todo o corpo.

—A miss ainda está em correspondencia com Boxtrex, segredou-lhe Holmes, eu não sou o sapateiro, eu sou o policia Sherlock Holmes de Londres.

«Boxtrex, porém, tornou-se um grande patife, e esta noite morreu.

—Meu Deus! gemeu ella. Estou perdida.

—De maneira nenhuma, miss, proseguiu Sherlock Holmes curvando-se sobre ella e fallando tão baixo, que ainda que Armstrong estivesse escutando atraz do repositero, não teria percebido uma unica palavra das que Holmes trocava com a filha.

—Só está perdida desde que encontrem as suas cartas em casa de Boxtrex.

«Ou não é verdade, que, sem quê seu pae soubesse, a miss secretamente mantivesse correspondencia com Boxtrex, ainda mesmo depois de seu pae o despedir?

—E' verdade é, gemeu Lucy, e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas. Não posso negar.

—Então entregou o seu amor a um indigno, mas... eu lhe trarei as suas cartas, e nenhuma creatura as lerá, se a miss me disser, qual o endereço com que as enviava.

—Posso fiar-me no senhor? Devolver-me-ha as minhas cartas? perguntou a joven em segredo.

—O endereço? perguntou Holmes energico.

—East, 107^a rua, em casa de miss Canter.

—E' tudo quanto preciso, disse Holmes satisfeito.

«Prometto-lhe mais uma vez, que receberá as suas cartas. Fará, então bem em as queimar depressa.

—Está elle realmente morto? perguntou a miss ainda meio estonteada.

—Sim, está morto, confirmou o grande criminalista, e fazendo uma reverencia abandonou o aposento.

Holmes tomou um trem e ordenou ao cocheiro, que o conduzisse á 107^a rua.

Apeou-se deante da casa que a filha de Armstrong lhe indicára, e bem depressa soube que no 2.^o andar do açado predio, morava a viuva Canter, que vivia dos juros de uma pequena fortuna que lhe deixára o

marido, um engenheiro, e do producto d'aluguel d'alguns quartos.

Não demorou muito que Holmes se defrontasse com a sr.^a Canter, uma senhora que a policia logo viu não ter nada de commum com o procedimento criminoso de Boxtrej.

—Quem é o sr. mister? Que deseja? perguntou a viuva.

Holmes respondeu-lhe, mostrando-lhe a sua chapa metallica que o habitava como policia secreta.

—Nada receie, mrs. Canter! Trata se unicamente d'umas buscas a que eu tenho de proceder em sua sua casa. Mas, descançe, que, far-se-hão de maneira que os visinhos nem por sombras o suspeitem.

—Meu Deus! exclamou a sr.^a Canter pondo as mãos, eu nunca tive negocios com a policia. Mas que foi que aconteceu?

—As minhas buscas dizem respeito a um sujeito que tinha um quarto alugado em sua casa, a um tal sr. Boxtrej.

—Mas realmente deu-se alguma coisa com elle?

«Eu não posso explicar porque é que elle não veio esta noite para casa. Foi sempre tão correcto.

—O sr. Boxtrej morreu.

—Morto?! Que Deus nos defenda! respondeu a creatura assustada.

—Encontrou a morte n'um incendio em Bowery.

Quando a viuva tal ouviu fez-se branca como a csl. Cahi n'uma cadeira e exclamou lamentosamente:

—Ah! isso é uma grande desgraça para mim. Boxtrej ficou-me a dever quatro mezes de aluguel do quarto. Mas eu tinha a certeza que elle me pagaria quando cazasse. E isso estava muito proximo. Pois que elle devia casar d'aqui a quinze dias.

—Ah! Boxtrej estava então para casar? Não me pode dizer com quem? Isso interessa-me extraordinariamente.

—Com miss Stella Haberton, respondeu a viuva, oh, era um bello partido para elle.

«A joven senhora é filha do ricoço Haberton, que possui uma linda vivenda na Avenida do Parque, mesmo em frente do Parque Central, e ainda possui mais predios aqui em New-York.

—E como alcançou elle a fortuna, esse sr. Haberton? perguntou Holmes.

—Dizem para ahí muito mal a esse respeito, acrescentou a viuva, dizem que elle não usa o seu verdadeiro nome.

«Mas não podemos acreditar tudo que se diz. O mundo é tão mau.

«Dizem até, continuou a viuva Canter levantando-se e chegando-se confidencialmente ao criminalista, que elle negociava... com dinheiro, que ainda negociava, e que recebe jurros elevadissimos.

—N'uma palavra, é um usurario.

—Sim, mas na America ninguem se importa com isso. Aqui desculpam a quem ganha dinheiro por esse processo, e por isso não vae ninguem para a penitenciaría.

«Na Inglaterra... o sr. deve saber que eu sou in-

gleza... pensa-se d'outra maneira a esse respeito. Mas aqui todos desculpam a *caga ao dollar*.

—E esse sr. Haberton tinha dado a mão de sua filha a Boxtrej? E' miss Stella uma bonita rapariga?

—Uma linda mulher. O senhor pôde ver uma photographia d'ella. Está lá dentro em cima da secretaria do sr. Boxtrej.

A viuva abriu a porta de um quarto pequeno que estava mobilado com uma certa elegancia.

Mandou entrar o criminalista.

Em cima da secretaria estava realmente n'uma elegantissima moldura a photographia d'uma linda joven de cabelo preto, com um soberbo *costume* de verão.

A sombrinha arrendada que segurava nas mãos, formava uma soberba moldura ao rosto encantador da photographada.

—Esta... esta, queria Boxtrej casar com ella! disse o policia surprehendido, sim, boa senhora, que eu saiba o sr. Boxtrej não tinha uma posição social definida. D'onde lhe provinham pois os seus honorarios?

—Isso é que eu não sei, respondeu ella, nunca o perguntei ao sr. Boxtrej.

«Mas elle contou-me uma vez, que era filho de muito boas familias de quem recebia dinheiro todos os mezes.

«Como me ficou a dever o aluguel, é porque deixaram provavelmente de lhe mandar as meçadas de Inglaterra.

«Nunca devemos crear difficuldades a um compatriota. Elle era, como eu, de Liverpool. E por isso tive uma certa contemplação com elle e não só o deixei habitar aqui, como ainda lhe emprestei algum dinheiro.

—Sim, e está certa de que elle a não enganou? Não seria a historia do casamento uma refinada mentira?

—Mas a photographia que ahí está?

—Oh, minha querida senhora uma photographia não prova nada. E' me muito facil obter uma photographia de qualquer dama.

«Posso então collocal-a sobre a minha secretaria, e dizer á minha hospedeira: Esta é a minha noiva. Recebo meio milhão quando casar com ella. Queira pois ter a bondade de permitir que não lhe pague já os vinte dollars da minha pensão, que depois lh'os pagarei.

—Não, o sr. Boxtrej não era capaz de fazer isso, porque então seria quasi um criminoso.

—Tire-lhe o quasi, querida senhora porque elle o era com certeza.

«Agora dê-me licença que abra a secretaria do sr. Boxtrej com uma gazua e que passe uma revista geral ao quarto.

«Se tem alguma coisa a fazer na cozinha, não se estorve por minha causa, minha senhora. Não preciso da sua presença.

A viuva retirou-se.

Holmes metteu immediatamente mãos á obra. N'um momento a secretaria estava aberta.

O criminalista examinou detidamente todos os papéis que estavam nas gavetas.

A maioria eram papéis innocentes, cartas exigindo dividas, facturas, etc.

Tudo que ali se encontrava denunciava quando muito um pequeno cavalheiro d'industria mas nunca um homem que estivesse ligado a um bando de malfeitores, conhecidos pela designação de «Os pyrilampos de New-York».

O povo já ha muito que tinha dado um nome aquelle bando secreto de criminosos, que eram o instrumento de medonhos incendios.

Esse nome apparecia todos os dias nas columnas dos jornaes.

Quando rebentava algum incendio terrivel, e se queria dizer que fôra fogo posto, os jornaes epigraphavam simplesmente os seus artigos. Os pyrilampos de New-York novamente em acção! ou então. Grande incendio deitado pelos pyrilampos de New-York!

Não obstante Holmes ter esquadrinhado como todo o cuidado a secretaria, todavia nada lhe cahiu nas mãos que se lhe tornasse suspeito.

Tambem em todo o quarto não encontrou nem um papelinho, nem uma linha, que o pudesse interessar.

Tomou então novamente a photographia e contemplou, abanando a cabeça, as bellas feições da joven photographada.

—Será possivel, murmurou elle, uma tão encantadora creatura! Olhos astutos tem esta Stella Haberton, e então... a! que fiz eu!

A photographia escapára-se-lhe das mãos e cahira no sobrado.

O vidro fez-se em estilhaços e a moldura em cavacos. O proprio retrato sahio fóra do encaixe.

Mas, no mesmo momento curvou-se Holmes, e como abutre cae sobre a sua presa, assim cahiu elle sobre um papel que se achava na moldura por detraz do retrato.

Este papel estava cheio de uns caracteres muito exquisitos.

—Hebraico! murmurou Holmes, sim, não ha duvida, são letras hebraicas! Isto certamente tem uma significação.

«O calão dos gatunos é simplesmente uma miscellanea de hebraico com o allemão e o polaco.

De repente um sorriso de satisfação perpassou pela physionomia do policia amador.

Dobrou a folha de papel e metteu cuidadosamente na carteira occultando esta no peito.

Apanhou tambem o retrato de Stella e aguardou-o.

CAPITULO IV

Um annuncio de casamento

O genial criminalista morava, sempre que se encontrava em New-York, n'uma casinha situada á beira

do Hudson, aquelle soberbo rio que com o East River, faz de New-York uma ilha.

Esta casinha pertencia a um hortelão, chamado Lincoln que com sua mulher cultivava uma horta nas trazeiras da casa, negociando com a venda de hortaliças e fructas.

Ambas estas creaturas eram lealmente dedicadas ao sr. Holmes.

Conheciam muito bem as suas particularidades, sabiam do que elle gostava, e o que elle detestava, e sabiam ler-lhe nos olhos todos os seus desejos.

Nesta casa tambem elle se chamava Holmes.

Simplemente occultava a sua verdadeira profissão, e apresentava-se como um proprietario que vive das suas rendas, e que fazia grandes viagens, de maneira que de tempos a tempos permanecia em New-York.

O sr. Holmes estava sentado numa larga e comoda cadeira de braços, e olhava atravez da janella para as ondas que se agitavam deante da casa do hortelão.

A mulher do hortelão tinha-lhe trazido o almoço e collocára tambem em cima da meza um grande pacote de jornaes.

O criminalista pegou nos jornaes e desdobrou o «New-York Herald.»

Percorreu com a vista todas as noticias que a grande folha americana traz na 1.^a columna da esquerda, como um homem que está costumado a ler dos jornaes só o mais importante.

Por isso hem depressa poz de parte o Herald e começou a procurar no pacote.

—Não está cá? Ainda cá não está? Mas que significação isto sr.^a Lincoln?

A hortelã uma mulher dos seus quarenta annos sympathica e de bella apparencia, entrou immediatamente no aposento, pois que um desejo do seu hospede Holmes, era para ella uma ordem formal.

—Meu Deus! o que foi sr. Holmes? perguntou ella.

«Não está bom o chá, abriu de mais?»

— Não, não, sr.^a Lincoln, socegue que o chá está magnifico como sempre.

—Mas, o sr. Holmes ainda não provou. Vêjo o bule ainda fumegante.

Ah! é verdade, ainda não almooei; esquecia-me de o fazer, querida sr. Lincoln.

«Mas, tenho que a censurar por outra coisa.

—Lembra-se quaes os jornaes que todos os dias me deve comprar?

—Perfeitamente, respondeu a hospedeira.

«Está ahi o New-York Herald, o World, o Morning Journal, a New-York Staatszeitung, e...»

—E...? Vê, falta um jornal; tornou a esquecer-se de m'o comprar.

«E agora obriga-me a vestir-me e a sahir para o ir procurar.

—Não se dê a esse incommodo sr. Holmes, respondeu a sr.^a Lincoln, fazendo-se muito vermelha.

«O jornal que o sr. deseja está cá, mas...»

—Mas o quê Inquiriu Holmes que entretanto ia

tomando golos de chá não obstante este estar a ferver. Pois que era um dos habitos do grande criminalista tomar bebidas tão quentes quanto possível.

Desembuche finalmente sr.^a Lincoln. Porque se esqueceu do jornal? Já não é a primeira vez que tal acontece. Hontem e ante-hontem tambem se esqueceu.

—Pois bem. Vou-lhe dizer a verdade, sr. Holmes, disse a sr.^a Lincoln, brincando com a ponta do seu avental, nós somos bons christãos, o sr. Holmes, meu marido e eu:

Holmes começou a sorrir affavelmente.

—Justamente, disse elle, nós fomos baptisados na fé christã, e comquanto eu não visite muito amido a as egrejas, sou todavia sinceramente melhor christão do que muitos outros.

—Ora é isso justamente, que eu não posso comprehender, exclamou a sr.^a Lincoln.

O sr. é um bom christão, o melhor talvez que existe sobre a terra, e comtudo exigia que eu com pre essa horrorosa folha.

Primeiramente julguei que era brincadeira do sr. Holmes quando me pediu pela primeira vez que lhe comprasse a «Jewish Presse» esse terrivel jornal, que é,cripto numa algaraviada que não é nem inglez, nem allemão, nem hebraico; uma especie de linguagem infernal.

«Mas agora exige o sr. que lhe compre esse jornal todos os dias, e... eu quero dizer-lhe a verdade, sr. Holmes... tenho vergonha de dizer ao rapaz dos jornaes para deixar semelhante jornal numa casa christã.

O grande criminalista não sabia que partido tomar.

Dava estallos com os dedos, tocava piano sobre a meza, e levantando-se de mãos nas costas começou a passar pelo aposento a passos largos, e rindo ás gargalhadas.

—Delicioso... realmente delicioso! exclamou elle; parou então deante da joven creatura, bateu-lhe benevolamente na face e disse:

«E o que dirá a sr.^a Lincoln, se eu lhe disser que, de todos os jornaes que se publicam actualmente nos Estados Unidos, nenhum eu leio com mais interesse, do que a «Jewish Presse» esse jornal de Bowery, que só tem assignantes nas viellas de Bowery, nessas ruas, que são habitadas unicamente por judeus russos!?

—Direi que o não comprehendo, sr. Holmes. Como se pode ler semelhante papel?

—Bem, minha cara sr.^a Lincoln, tenha a amabilidade de me ir buscar o mais depressa possível a «Jewish Presse.»

—Vou buscá-la immediatamente, exclamou a horteiã, mas peço licença para depois a queimar.

—Vamos, sr.^a Lincoln, traga-me depressa a «Jewish Press» Não pode calcular quanto isso me interessa.

—Mas o sr. com certeza nem sequer a sabe ler.

—Eu?... Palavra por palavra!

—Então bem, não tenho tempo a perder.

Não restava outro recurso á sr.^a Lincoln. Apesar de todos os seus escrupulos christãos e bem contra-

riada não teve outro remedio senão ir buscar o jornal, que de resto tinha um magnifico formato.

Holmes achou muita graça, quando a hospedeira appareceu com o jornal, no qual pegára com o avental, segurando o papel por uma das pontas e assim o collocou sobre a meza do almoo.

Então accendeu o grande criminalista o seu cachimbo e fumando commodamente, começou a leitura da folha israelita.

Esta era impressa em caracteres hebraicos e escripta num dialecto que sem duvida era composto de todas as linguas possíveis, d'um mau allemão, d'um pessimo polaco, d'um lamentavel hebraico e d'um miseravel inglez.

De repente collocou Holmes o dedo numa noticia que vinha impressa em grandes caracteres na terceira pagina do jornal.

O policia leu a meza voz:

«O nosso conhecido correligionario e compatriota Abraham Fisch foi hoje embolsado por diferentes companhias de seguros, dos prejuizos que soffreu com o grande incendio, que ha tres dias destruiu os seus armazens «Star of the Bowery, á esquina da Grandstreet e Bowery.

«Os prejuizos foram avaliados em 240 000 dollars. Como dissímos aos nossos leitores, as companhias recusaram-se ao principio a pagar tão grande somma. Realisou-se uma reunião amigavel e segundo ouvimos, Abraham Fisch recebeu 120 000 dollars. Elle não pensa em abrir nova casa commercial na nossa cidade, mas applicará o seu dinheiro a outras emprezas, e muito principalmente em especulações de bens immoveis.»

—Está bem, o dinheiro recebeu elle, murmurou Holmes, isso não se podia evitar.

«Não se podia previamente provar que o digno Abraham Fisch tomára parte no crime de fogo posto, e segundo a lei americana os prejuizos tinham de lhe ser pagos immediatamente.

Zangado, voltou Holmes a folha do jornal.

Mas, ao deitar a vista para a ultima pagina, ficaram-lhe os olhos presos n'um dos muitos annuncios que a enchiam.

—Como, aqui novamente o nome de Abraham Fisch... o que annuncia o digno homem aos seus compatriotas? Ah! Bravo, eu felicito-o; isto é que é lux!

«Bello, bello! isto é o signal por que ha muito esperava e por causa do qual eu pedi quotidianamente a «Jevroch Presse»... o que á boa sr.^a Lincoln tanto apouquento.

«Mas vejamos, bom... encontráram-se então dois corações, que são dignos um do outro.

Novamente leu Holmes em voz alta:

«CASAMENTO!

Participo por este meio a todos os meus amigos, que minha filha Stella foi hontem pedida em casamento pelo commerciante Abraham Fisch.

(a) *Isaak Haberfeld, vulgo Haberton.*

— Isto são dois pontos importantes d'uma assentada, — exclamou Holmes a meia voz.

«Em primeiro logar o verdadeiro nome de Haberton, é Habertfeld e em segundo logar pertence elle evidentemente aos judeus russos emigrados, e então... dá-se elle pressa em casar sua filha, que até ao incendio de Bowery era a prometida de Morris Buxtrey; e dá-se pressa, depois do incendio, isto é, depois do seguro ter sido espoliado de 120:000 dollars, em a casar com o feliz Abraham Fisch.

«Bem, não posso fazer outra coisa senão ir felicital-o pessoalmente.

«Agora está o fructo maduro, é só eu sacudir bem a arvore, cabirá com certeza.

O policia levantou-se e começou a passear pelo quarto, monologando à meia voz.

— De que maneira este Morris Buxtrey, entrou no bando dos «Pyrilampos de New-York», não sei eu.

«Não se pode prever, mas deve ter travado conhecimento com Haberton, por acaso.

«Elle era o homem de que Haberton precisava, e evidentemente elle promptificou-se a largar o fogo que Haberton lhe encomendára.

«Pois é bem claro que este negocio metteu dinheiro.

«Haberton é um usurario.

«Emprestou dinheiro com enormes juros, e pelos seus negocios tornou-se conhecido de negociantes, que, digamos assim, estão muito tremidos.

«Vieram ter com elle, para lhes emprestar dinheiro.

«A um ou outro pode elle ajudar com uma pequena somma.

«Mas, por ultimo faz-lhes elle uma proposta, que com um golpe se podiam furtar a todas as calamidades.

«Parece que oigo o digno Haberton fallar:

— «Largue você um pequeno incendio... primeiramente compre fazendas, a credito claro, está, tanto quanto poder.

«Nós retiramos essas fazendas de noite e entregamo-las pelo seu valor real, ao fornecedor, um dos nossos irmãos.

«Sobre todas as coisas tem você Moysés e o Propheta.

«No armazem acumula você caixas sobre caixas, claro está vazias.

«Vamos adiante, proseguiu Holmes.

— «Continuemos, dirá Haberton, uma noite desenvolve-se um pavoroso incendio, que consome as caixas vazias e como você tem tudo no seguro, as companhias seguradoras pagar-lhe-hão milhares de dollars. Hein, que tal lhe parece este negocio?!

«E se o novato lhe pergunta admirado:

— «Sim, e quem é que pega o fogo?!

«Eu não tenho nem coragem nem habilidade para isso!

«Então responde-lhe Haberton sem mais preambulos:

— «Deixe esse negocio commigo, eu tenho gente experimentada.

«Uma noite vae você a um divertimento publico, e

faz notar a sua presença, de maneira que toda a gente o veja bem.

«Entretanto rebenta o fogo na sua casa commercial. Que desgraça!

«Quem poderá afirmar que foi o sr. que deitou o fogo? Pode perfeitamente provar a sua innocencia.

— «Ora devem ser assim e não d'outra maneira os negocios dos «Pyrilampos de New-York», murmurou Holmes,

«Isto é bem claro, trata-se pois de aprisionar Haberton e todo o seu bando.

«Bem, comecemos a caçada.

O criminalista abriu uma mala que continha diferentes artigos de vestuario.

Escolheu do seu rico guarda-roupa, que lhe servia para disfarces, um casaco em xadrez, um collete de côr duvidosa, calça igual ao casaco e uma gravata verde.

Collocou depois uma cabelleira com o cabelo apartado ao meio. Com uns traços na cara ficou com a apparencia d'um joven e por ultimo enfiou na cabeça um bonet.

Poz uma ponta de cigarro ao canto da bocca, e mirando-se ao espelho sorriu satisfeito do seu disfarce e disse consigo,

— «Se eu não pareço um elegante de Bowery, eu não me chame Sherlock Holmes, o policia amador.

«Parece-me que este disfarce está magnifico para o effeito; vamos para a frente.

O policia sahio então de casa e tomou o carro para a quinta avenida.

A casa de Haberton ficava ao fim da avenida.

Era um magnifico edificio de dois andares, e as janellas eram guarnecidas de elegantes cortinas de seda.

Holmes carregou no botão da campainha electrica. Immediatamente a porta se abriu e appareceu um corpulento porteiro.

— O que é que o sr. quer? perguntou elle agastado ao homem vestido modestamente.

— Desejo fallar ao sr. Haberton, foi a resposta.

— Imagina o sr. que o gentleman recebe qualquer valdevinos?!

— Sim! então diga-lhe que eu tenho a fazer-lhe uma communicação da parte do sr. Buxtrey.

O nome de Buxtrey parece que era conhecido na casa.

O guarda-portão mandou immediatamente entrar Holmes, e enquanto esperava teve o policia occasião de admirar o precioso tapete que se estendia pela escada acima, assim como os bellos quadros que ornavam as paredes do vestibulo.

— Venha commigo! disse o porteiro do alto da escada, eu o conduzirei até junto do sr. Haberton.

— Ah, ah, disse Holmes, o nome de Buxtrey deu resultado.

«Agora é preciso que o atrevimento me não abandone.

«Eu desembarçarei a meada.

Holmes galgou os degraus a tres e tres, como um verdadeiro mancebo de Bowery e seguiu porteiro,

que o introduzuiu n'um aposento confortavelmente mobilado.

Pouco tempo depois affastou-se um reposteiro e Haberton entrou.

CAPITULO V

Haberton aliás Haberfeld

Haberton, ou para melhor dizer Isaak Haberfeld, era um homem alto e espadado.

Via se que na sua juventude devia ter sido dotado de força extraordinaria, a julgar pela musculatura que ainda hoje apresentava.

Tinha uma dabeça enorme, os ossos das faces muito salientes, o que indicava a sua origem russa, e em opposição o arqueado do nariz mostrava ser um descendente de Israel.

Uma imagem de Christo collada por cima da sua secretaria, denunciava porém, que o excellente Isaak Haberfeld trocára na America a sua religião e que n'essa occasião tinha inglezado o seu nome. Agora chamava se euphonicamente Haberton.

Uma barba grisalha, curta e bem cuidada ornava-lhe o rosto, e o nariz servia de descanço a uns olhos d'ouro.

—O sr. deseja fallar-me, meu amigo, disse Haberton em mau inglez.

«Mas, não me recordo de o ter visto na minha vida; o que teremos então nós que fallar um com o outro?»

Holmes volteava o bonnet na mão.

—Plunket, disse o policia.

—Plunket? O sr. chama-se Plunket?

«Tenho muito gosto em o conhecer; mas ainda mesmo que se chame Plunket não me recorda de o ter visto.

—Plunket, repetiu Holmes. O senhor com certeza que já ouviu fallar de mim.

—Plunket! Tenho muita pena de lhe repetir que nunca na minha vida ouvi fallar do senhor.

«E então quem é que me havia de fallar do seu nome?»

—Boxtrey!

—Boxtrey, ... muito bem Boxtrey, acrescentou Haberton com uma voz como se se tratasse da creatura mais indifferente do mundo e não de um homem que estava para ser seu genro, Boxtrey, porém, nada me disse do senhor.

—Não!? A mim me disse elle que fallára com o sr. a meu respeito, e que o sr. até me queria empregar.

—Eu não tenho negocios ou pelo menos nenhuma casa commercial em que possa empregar o sr.

«Boxtrey deve-se ter enganado, ou então disse isso para o consolar, por não poder fazer nada em seu favor.

—Boxtrey disse-me, replicou Holmes, que o sr. com certeza me daria uma boa occupação.

—E se eu lhe disser que não tenho nada em que o occupar! rugiu Haberton.

«O que quer o sr. fazer em minha casa?»

—Não é na sua casa, mas, Holmes sorria velhacamente como um verdadeiro rapaz de Bowery, na casa dos outros.

Dizendo isto atirou com o bonnet, e fez ouvir um assobio, como costumam fazer os rapazes de Bowery, quando se querem fazer comprehender por um signal.

—Na casa dos outros? exclamou Haberton. Sim... eu não comprehendo o que o sr. quer dizer com isso, meu caro. De resto, é inutil continuarmos a nossa conversa.

—Eu sou muito discreto, acrescentou Holmes sem se mecher do seu logar.

—Não preciso da sua discreção para nada, foi a resposta.

—Ai não, o sr. precisa de gente de segredo, disse Holmes sorrindo descaradamente.

«E... eu sou tão medroso como Boxtrey, acrescentou o policia. Eu era capaz de incendiar a Casa Branca (1) de Washington. se o senhor me encarregasse d'esse trabalho.

Mal Sherlock Holmes pronunciára estas palavras recuou Haberton como se uma tarantula o tivesse mordido.

Não escapou ao criminalista que o homem mudára de côr e que a respiração se lhe tornara ofegante.

—O quê... o que está o senhor para ahí a dizer? gritou Haberton. O que está o senhor a dizer de incendiar... quem é que incendiou... quem é que encerra o manda incendiar?»

—Foi Boxtrey que me disse, replicou serenamente o pseudo rapaz de Bowery.

—Boxtrey estava doido certamente.

—Oh não. Elle contou-me tudo. E depois ainda me disse: «Tu és homem para Haberton. Eu fallarei com elle e com certeza que elle te admite nos «Pyrilampos de New-York».

—Sáia immediatamente! gritou Haberton apontando para a porta, não tenho nada mais que fallar com o senhor. O senhor falla de coisas criminosas, que eu nem sequer comprehendo.

—Está bem, está bem, então o senhor não comprehende, disse Holmes com toda a presença de espirito, então... o que significa este papel que Boxtrey me deu, antes de ir para a Grandstreet para incendiar a «Star of the Bowery?»

Haberton estava cada vez mais inquieto e cada vez mais apertado na esparrella que o genial policia lhe armava.

—Que papel! murmurou elle, isso é falso... deve ser falso.

—Não meu senhor. Isto é a sua letra. Com certeza que é, continuou Holmes, tirando da algibeira do

(1) Residencia do presidente da Republica Norte-Americana.

collete um papel muito sujo. Era o papel que encontrara por detrás do retrato de Stella quando se partiu a moldura.

«Ora veja aqui, Sir. Escreveu o senhor isto ou não?»

Haberton olhou estarelecido para o papel e ficou sem poder articular uma palavra.

«Eu vou ajudar-lhe a memoria. Veja lá, se será isto: N'este papel compromette-se o senhor com Boxtre, a dar-lhe a mão de sua filha Stella, se o Boxtre se confirmar sete vezes.

«Seis vezes desempenhou se elle bem da confirmação, mas á setima vez levou-o o diabo... Boxtre morreu.

—Bem sei, respondeu Haberton com voz cava.

E agora parecia estar disposto a deixar cahir a mascara.

«Eu sei que Boxtre perdeu a vida no incendio, mas não sei, como é que elle foi parar aquella casa.

—Mas, foi o senhor mesmo que o mandou lá, accrescentou Holmes riado. Fui eu até que lhe fui buscar as duas latas de petroleo, que elle levou para o predio.

«Antes de entrar, chamou me de parte e disse-me: Plunket, tu és meu amigo! Vou-te confiar uma coisa, que é muito importante, tanto para mim como para ti!

«Entregou-me então este papel e continuou:

«Se eu esta noite morrer, vae a casa do sr. Haberton com este papel, e com elle podes provar que és o homem capaz de ser o meu successor.

«Na realidade nunca pensei que o senhor me recebesse tão mal, sr. Haberton.

—Dê cá esse papel, dizia agora Haberton com o olhar cheio de rancor, bem vejo que o senhor tem em mira uma extorsão, *chantage*, como vulgarmente se diz.

«Quanto quer pelo papelucho?

«Dou-lhe cem dollares por elle, e julgo que o senhor ficará satisfeito.

—Isso sim! disse Holmes guardando commodamente o papel na algibeira do collete. Este papel guardo eu.

«Preciso ter uma recordação do meu querido amigo Boxtre que Deus tem, e demais... eu sou um apaixonado colleccionador de autographos.

«Posso autographos do fallecido general Grant e até de Abraham Lincoln. E portanto não me deve faltar um autographo seu na minha collecção, sr. Haberton.

Haberton sentou-se á sua secretaria, e tirando da algibeira um lenço de seda, limpou o suor que lhe escorria pela testa. Em seguida perguntou lentamente:

—Mas o que quer então o senhor de mim.

—Nada mais do que um emprego... ou, para ser mais claro, desejo ser admitto nos «Pyrilampos».

—E se eu satisfizer a sua vontade, posso contar com a sua discreção?

—Eu sou discreto como um *fisch* (?). Tanto como

um Abraham Fisch, que ainda ha pouco recebeu 120.000 dollares de *indemnisação*.

«Ah, ah! as companhias de seguros são muito estupidas. Pagam e apanham cada sangrial...»

«Você agrada-me amigo, exclamou de repente Haberton com um largo sorriso.

«Se quiser pode ficar ao meu serviço.

«Eu preciso d'um creado habil. Compreende-me bem; só aos olhos do mundo é que você é meu creado.

«Porém, empregal-o-hei da maneira que você deseja.

«Temos uma quantidade de encomendas, boas encomendas, e se você fór habil e corajoso, pode em minha casa ganhar muito dinheiro.

—Sim, como Boxtre, murmurou Holmes, muito bem, isso quero eu, mas... eu serei cauteloso para não ser victima do *officio*, como o Boxtre, que desairosamente se deixou *emolar*.

—O que quer você dizer com isso? perguntou Haberton com a cara mais innocente d'este mundo. Bom nós podemos fallar um com o outro, com toda a franqueza e sinceridade, visto que já estamos tão unidos.

—Não lhe parece que Boxtre se teria podido salvar, se algum lhe não tivesse fechado a porta do quarto que elle incendiára?

«Foi por isso que o pobre rapaz não ponde safar-se a tempo, e teve de morrer na propria fogueira que elle fizera.

«E' uma ideia muito extravagante que alguém faça uma fogueira para se queimar a si proprio, e foi o que se deu com Boxtre.

«Um acaso infeliz! proseguiu Holmes. Mas o principal, é que nós estejamos unidos.

«Plunket pode pois ficar?

—Olá! Plunket pode ficar, confirmou Haberton, e aqui estão umas *liras* para si.

Tirou a sua carteira, e entregou a Holmes uma nota de cem dollares.

—Com mil demonios! Ha muito tempo que não via tanto dinheiro junto; exclamou o supposto rapaz de Bowery, dando um pulo de contente.

«E saiba o meu patrão que eu ha quatro annos que não trabalhava.

«N'outros tempos, sim n'outros tempos, corriam-me as coisas melhor, mas depois cahi na miseria, d'onde não via geitos de sahir.

«Mas agora tudo vae mudar e eu vou ganhar muita *massa*. Plunket está prompto para tudo.

—Primeiramente tem de prestar uma prova, disse Haberton ao contente rapaz, antes d'isso não o posso tomar ao meu serviço definitivamente; todos tem de se sujeitar a esse... *exame de admisação*.

—Está bem convem-me. Ajuntou Holmes,—onde é que se ha de *operar* e quando?

—Se diz isso deveras, segredou-lhe Haberton confidencialmente, prepare-se para já esta noite fazer o seu exame.

«Conhece o pequeno hotel que fica á esquina da Motstreet e de Bowery?»

—Conheço muito bem, respondeu Holmes. Chama-se Hotel-Bowery?

(1) *Fisch*, palavra allemã que significa, peixe,

— Justamente! O proprietario d'esse hotel tem feito mau negocio, ou para melhor dizer, os seus negocios eram bons, mas... elle mettu-se em diversas especulações, que o arruinaram.

Manifestou-me o desejo de que o seu velho estabelecimento arda totalmente.

— Os seus desejos são para nós ordens, disse Holmes sorrindo, para que estamos nós aqui, sr. Haberton?

— Isso digo eu tambem, sorriu o judeu, para que estamos nós aqui.

«Trata-se de ganhar uma boa quantia, mas... é preciso proceder com segurança.

No subterraneo do hotel estão muitos barris com alcool, whisky e outras bebidas espirituosas.

«Se lá em baixo rebenatar casualmente um incendio, devem as chammas espalhar se rapidamente por todo o predio, tomarem a escada, e... porque está você a rir homem?

— Eu ria-me, respondeu Holmes galhofeiro, porque se me afigurava ver os hospedes a saltar da cama, como percevejos, Sir.

«Sim, como percevejos, e não me engano nos meus calculos se lhe disser, que uma boa parte d'elles deve morrer torrada.

— Isso não nos importa nada, replicou Haberton que simulava de desagradavelmente impressionado.

«Nós não podemos nos nossos negocios attender ás conveniencias dos outros.

«Quem morrer no negocio é porque já estava designado por Deus para soffrer essa morte.

Dizendo estas palavras o infame judeu levantou os olhos beatificamente para o Christo da parede!

— Muito bem, murmurou Holmes.

«Para é que o bom Deus deu o fogo aos homens... senão para que elles se queiem.

— Oiça-me, continuou o judeu.

«500 dollars pode você ganhar esta noite, se deitar fogo ao Hotel Bowery.

«De resto a coisa é muito facil, porque o proprietario do hotel trabalha d'accordo commosso.

«Você apresenta-se no hotel ahi pelas nove horas da noite e diz que traz um barril de whisky.

— Comprehando, o barril levo eu naturalmente comigo.

— Elle mandal-o-ha por o barril na cave.

«E quando você lá entrar, não torna a sahir da cave, e ao bater da meia noite... sim... você deve saber o que tem a fazer.

— Perfeitamente, mister! Se nos barris houver bastante alcool, ha de arder que é uma belleza, e depois tenho de subir rapidamente a escada. senão pode por fim acontecer-me como ao pobre Buxtrey.

«Olhe que é uma morte maldita, sr. Haberton, ser uma pessoa lambida pelas chammas.

— Nós estamos aliados, disse Haberton. Arrange um barrilinho e apresente-se ás 9 horas no Hotel Bowery. Então dirá ao dono do Hotel que você é o homem que traz a agua ardente.

— Comprehando perfeitamente, ajuntou Holmes, e quando o patrão ouvir esta noite os bombeiros, pode

pensar que Plunket se desempenhou bem da sua missão.

«Até a vista, sr... de manhã virei para receber os 500 dollars. Virá pagueas a prompto, não é verdade?

— Não faltaremos, disse Haberton. O sr. ha de se convencer que fez uma bella alliança comigo... Ainda temos mais encomendas! E boas!

Holmes poz o bonnet na cabeça e sahiu.

Logo que a porta se fechou, carregou Haberton no botão de uma campinha electrica, que estava sobre a sua secretaria.

Passado um minuto abriu se uma porta lateral, e... um homem pequeno e carcunda, de rosto muito pallido e um pequeno bigode negro entrou no aposento. Um typo de anão, como muitas vezes apparece entre raticicos.

— Schneemann, disse Haberton ao recém-chegado, é preciso convocar para esta noite ás 7 horas uma reunião de todos os socios. Ameaça-nos um perigo.

— Perigo? disse espantado o marreco, que era uma especie de secretario de Haberton.

— Sim, um grande perigo, accrescentou Haberton, um espião da policia anda-nos no rastol! Elle possui um documento importante, que me pode levar á penitenciaria, se eu lh'o não tirar á força.

«Nós temos de tomar providencias, para esta noite ainda tornar-mos o homem silencioso.

«Eu já lhe armei um laço.

— Tanto melhor! disse Schneemann, então amanhã de manhã já o homem terá esfriado, ou reduzido a torresmos!

— Eu mesmo tempo quero concluir o meu negocio do Hotel Bowery. O proprietario está entallado, e já não se pode aguentar por mais tempo.

— Então esta noite tem de ser, approvou Schneemann.

— Como o nosso local de reunião fica nas proximidades do Hotel-Bowery, podemos muito bem ligar os negocios todos.

«Convoca pois todos os companheiros, nenhum d'elles deve faltar esta noite.

— Vou immediatamente fazer expedir os telegrammas, ajuntou Schneemann, claro está em palavras indifferentes, cujo sentido só é conhecido pelos nossos iniciados.

— Sente-se, eu mesmo dictarei o telegramma, disse-lhe o vil judeu renegado.

Schneemann sentou se á secretaria e Haberton dictou-lhe com voz abafada:

«Hoje a noite serviço divino no velho templo. Dever-se-ha proceder á eleição de um novo chantre.

— Chantre? perguntou Schneemann, significa isso alguma coisa na nossa linguagem?

— Chantre, significa, espião da policia, eleição, significa, inutilisação, explicou Haberton, está tudo em ordem; faça expedir os telegrammas.

Schneemann levantou-se sahiu.

Haberton de mãos nas costas passeava pelo aposento.

Como se se admirasse de qualquer coisa, meneava constantemente a cabeça.

—E' o homem realmente um espião da policia? murmurou elle a meia voz.

«Se o é realmente, então é um dos mais descarados e dos mais finorios, que jamais tenho visto!

«Mas que elle estava disfarçado, isso é fóra de duvida. Pois que eu percebi que elle trazia uma cabelleira postiça.

«Em todo o caso, elle não pode viver muito tempo, porque sabe de mais. Isto é uma *doença incuravel*, que, na maioria dos casos, *produz* a morte.

Haberton, riu-se da chalaça.

«Com o seu cadaver occultarei eu para sempre o papel de Buxtrey.

«Maldição, que eu cahisse então na esparrella de lhe dar por escripto a promessa; mas... o velhaco tinha *peccado* o jogo todo, e eu tive de o socegar, para o ter mais seguro.

«Entretanto inutilizei-o. Agora já nada tenho a reclear d'elle!

«Que queres tu minha filha?

«O sol levanta-se quando te vejo. A noite desapareceu! Os olhos de minha filha brilham! Eu vejo tudo com um lindo brilho cor de rosa!

A joven e encantadora menina, que acabava de entrar, parecia realmente não estar bem naquella casa do crime e do peccado.

Difficilmente se imaginaria uma apparição mais agradável do que Stella Haberton, a filha do patife, a filha do director espirital dos «Pyrillamos de New-York.»

A photographia d'ella que Holmes possuia, não estava de modo algum favorecida; pois que ella possuia realmente aquelles olhos grandes e admiraveis como duas estrellas e a figura nobre que o retrato reproduzia.

Stella estava preparada para sahir.

Na cabeça trazia um soberbo chapéo com uma pluma de preço, e um paletot da moda tornava ainda mais pronunciadas as fórmas do seu corpo esculptural.

—Vens, para me das os bons dias, querida filha? perguntou Haberton ternamente. Tu dormiste muito.

—Não, papá, não dormi nada, respondeu Stella, olha para os meus olhos, que ainda estão vermelhos das lagrimas.

—Ha então algum motivo para a minha filha derramar lagrimas? exclamou Haberton, espero que não.

«Para que trabalho eu ha longos annos, para que me tenho mettido em todas as emprezas possiveis, até mesmo contra o parecer de todo o mundo me tenho dedicado a negocios que os homens classificam mal; para que faria eu isso tudo, se não quizesse juntar para ti uma fortuna.

«Pois bem, minha Stella, tenho sido feliz.

«E' tudo te pertence já, porque te darei um dote principesco.

«Posso cerca de um milhão de dollars, e tudo isto te pertencerá, quando eu fechar os olhos.

—E' justamente esse dote, meu pae, que me faz desgraçada, replicou Stella.

«Oh! meu pae, persistes ainda na idea de me casar com esse Abraham Fisch?

Uma profunda ruga appareceu na frente do judeu.

Pegou na mão de Stella, e pediu-lhe em tom de humidade.

—Já uma vez te expliquei que não posso desistir, devo casar-te com Abraham Fisch, ouves bem, devo! Não comprehendes que alguma coisa secreta, que eu ainda te não posso revelar, me obriga a isso.

—Que segredos podem existir entre ti e esse Abraham Fisch, perguntou Stella admirada. Seja o que for... eu não posso casar com elle, eu seria muito infeliz com elle.

«Eu não o amo, meu pae, elle é-me até desagradavel.

—Minha filha, isso é apenas imaginação tua.

«E' um homem na flôr da idade, que de um pequeno principio de vida se tornou, pelo seu trabalho honesto, um grande negociante.

«Infelizmente a sua casa «Star of the Bosvery» foi destruida pelo fogo.

«Mas não era o seu negocio bem rendoso, minha querida filha?

—Meu pae, eu não caso com nenhum negocio, mas sim com um homem, replicou Stella, e eu não quero nem riqueza nem actividade commercial, eu quero um coração!

—Ora, isso são extravagancias de raparigas, disse Haberton zangado, depois do casamento tudo muda...

—Meu pae, é então a tua firme vontade que eu seja a esposa d'esse Fisch?

—A minha vontade e resolução inhabavel minha filha.

«Tu sabes que te amo mais do que a minha propria vida, Stella, acrescentou Haberton, mas... d'esta vez tenho de insistir na minha exigencia.

—Pois bem, meu pae, se insististes, respondeu Stella a meia voz, então... não tenho mais nada a dizer... adeus.

—Onde vaes tu, Stella, minha filha?

—Vou comprar umas musicas.

—Muito bem, esta noite podés tocar alguma coisa, para mim e para o teu noivo; tu tocas tão bem que certamente nos has de alegrar muito. Até logo, minha querida filha, até logo.

Haberton beijou Stella na testa e a donzella afastou-se rapidamente.

O porteiro curvou-se respeitadamente quando ella passou no vestibulo e elle lhe abriu a porta.

Stella achou-se na rua.

No mesmo momento em que Schneemann, o digno secretario de Haberton, sahia d'uma estação telegraphica, onde fôra expedir aos companheiros o enygmatico telegramma, entrava Stella na mesma estação e fazia expedir um telegramma que ella mesmo escrevera com mão tremula n'um dos impressos e cujo texto era o seguinte:

«Harry Buckingham,

«Nelson Place 43.

«Hoje noite dez horas em pontô Hotel

«Bowery, quarto n.º 13. — Hoje pertenço-te.

«Stella.»

CAPITULO VI

O quarto n.º 13

O Hotel Bowery, um edificio estreito de tres andares, tinha, como todos os hoteis americanos, nas lojas um salão onde se preparavam todas as qualidades de bebidas.

No primeiro, segundo e terceiro andar eram os quartos para os viajantes que costumavam pernoitar n'este hotel.

Mas estes quartos eram tambem alugados sem escrúpulos a pares amorosos.

A este respeito, não se pergunta na livre America pela qualidade dos hospedes e apenas alguns hypocritas que querem ouvir fallar de si e da sua moralidade, é que divulgam alguns casos.

Desde o momento que pague o quarto... ninguém se preoccupa com o hospede.

Pode fazer o que quizer que ninguém lhe vae á mão.

O bonito e alto mancebo com o seu farto bigode, que, pelas 7 horas da noite, entrou no Hotel Bowery, fez adivinhar ao porteiro o que elle procurava, a julgar pela pergunta, que aquelle empregado immediatamente lhe dirigiu:

—Vem o sr. só ou espera alguma dama aqui n'este hotel?

—Espero uma senhora nova, respondeu tranquilamente o interpellado.

«Logo que ella entre elle procure por mim queira ter a bondade de a conduzir ao quarto n.º 13.»

—Ahl o sr. quer o quarto n.º 13. Muito bem, está com effeito livre; queira pagar dois dollars.

No Hotel Bowery eram muito cautelosos em receber a paga adeantada, porque muitas vezes acontecera alguns hospedes afastarem-se á sucupa sem pagar a sua conta.

O mancebo que estava vestido com esmero pagou logo os dois dollars exigidos.

Ao mesmo tempo dava ao porteiro uma gorgeta que elle recebeu curvando-se e agradecendo, em seguida ao que foi buscar uma vella e subiu a escada.

No 1.º andar abriu uma porta sobre a qual se via o n.º 13, e mandou entrar o nosso elegante no quarto. E elle proprio entrou juntamente.

Só depois de ter colloado a luz sobre a meza é que se retirou, cumprimentando o hospede.

—Finalmente, exclamou o moço rapaz logo que se viu só no quarto, finalmente resolveu-se ella a seguir-me e a afastar-se de seu pae.

«Eu sei que este passo havia de ter custado muito a Stella, mas, tinha de ser assim, o velho Haberton não tem juizo, e expulsou-me sem motivo algum, quando lhe fui pedir a mão de Stella.»

«Porque é que elle me fez isso, não encontro eu explicação, nem mesmo o posso comprehender.»

«Não sou eu o filho do bem conhecido juiz de paz Buckingham?»

«Não fiz eu proprio os meus estudos com muita applicação, e com 14 annos incompletos não sou já advogado?»

«Que genro deseja precisamente este Haberton, para me expulsar assim sem motivo algum.»

«Agora tem que attribuir tudo a si proprio, quando amanhã souber que Stella já está casada e que ella é a minha esposa legitima perante Deus e os homens.»

«Esta noite casarei legalmente com a minha querida Stella, e depois, depois ninguém mais nos poderá separar. Nem o meu proprio pae.»

Depois de assim ter monologado, chegou Harry Buckingham á janella e espreitou p'ra a rua.

—Ahi vem ella! disse elle de repente, ao ver parar uma carruagem defronte do hotel.

O porteiro abriu a porta da carruagem e leve como uma corça, saltou para a rua uma joven, sem se servir do auxilio do porteiro, que lhe offerecera a mão para a ajudar a descer.

Em baixo, junto da porta, estabeleceu-se o seguinte dialogo entre a joven e bonita senhora e o porteiro do hotel:

—Depressa, conduza-me ao quarto n.º 13.

—Eh, muito bem, minha menina, o cavalheiro já a está esperando lá em cima.

—Depressa, mas depressa, porque eu receio de ser perseguida.

—Nada receie, menina, no nosso hotel está em completa segurança.

«Justamente no quarto n.º 13; se alli se passar alguma coisa extraordinaria... posso eu dar-lhe um bom conselho.»

O porteiro segredou á joven, que entretanto entrara no vestibulo:

—N'uma das paredes do quarto ha um armario envidraçado muito alto. Se a menina o abrir, encontrará na parede do fundo do armario uma porta.

«Arrombe-a, o que não é difficil, e encontrará-se ha n'uma escada que a conduzirá ao telhado.»

«Não se esqueça que o quarto está preparado para pares amorosos, que receiem uma perseguição, e que foi por isso que se abriu esta sahida, para casos urgentes.»

—Muito obrigado, respondeu a joven senhora de baixo do seu veu.

Em seguida indicou ao porteiro que fosse adeante para lhe ensinar o caminho para o quarto n.º 13, e seguiu-o toda tremula.

Era claro que a joven entrava n'um hotel pela primeira vez. Puxou o veu bem para a cara, para que ninguém pudesse vêr a sua physionomia.

Chegaram á porta do quarto. O porteiro bateu discretamente. De dentro abriram, e...

—Stella, minha adorada Stella, meu querido amor, exclamou o joven advogado Buckingham, enlaçando a linda e graciosa donzella nos braços, ao passo que o porteiro já tinha fechado a porta; como te agradeço, que tu hoje finalmente te tenhas resolvido.

«Estás realmente decidida a ser minha mulher? mal posso crer n'essa grande felicidade.

—Sim, quero ser tua mulher, ajuntou Stella a filha do renegado.

«Pois que meu pae me quer casar com um homem terrivel. Com Abraham Fisch que teve aquelle armazem, a «Star of the Bowery»

—O quê, com esse homem? exclamou Harry Buckingham admirado e ao mesmo tempo assustado, sabes tu tambem minha querida Stella, que apresentaram a meu pae, o juiz de paz.

«Desconfiam até, e o advogado baixou a voz e continuou quasi em segredo, desconfiam que esse tal Abraham Fisch é que pegou o fogo que destruiu o seu armazem, ou que pagou a alguém para o deitar, para receber o dinheiro das companhias de seguro.

«Como pode o teu pae, continuou o advogado depois d'uma pequena pausa, como pode o teu pae que tanto te estima, e de quem és filha unica, pôr na sua idéa o casar-te com semelhante homem?

—Eu tambem o não sei, disse Stella assustada, chegando-se mais para o advogado.

«Meu pae a este respeito, ternou-se-me incompreensivel; não posso comprehender o que o pode compellir a casar-me com esse Fisch.

«Hoje implorei-lhe que não me lauçasse nos braços d'esse homem, que não fizesse a minha desgraça, mas elle affirmou que tem de o fazer.

—Sim, elle affirmou-te isso? disse Buckingham pasmado, ah! isso é realmente extraordinario; alguma coisa secreta existe entre teu pae e esse homem, parece que estão ligados por uma alliança secreta.

«Mas n'esta hora festiva não nos devemos occupar com essas coisas, meu amor.

«Não é verdade, minha Stella, nós queremos ser muito felizes?

«Já mandei chamar o juiz de paz e elle não pôde tardar.

«Elle casar-nos-ha depressa e depois és tu minha legitima esposa. Tu ficas ainda esta noite n'este hotel; já encomendei o quarto. Amanhã conduzo-te a casa de meu pae, que certamente te receberá cordealmente.

Stella lançou-se ao seu muito amado e emmudeceu-lhe a voz com um prolongado beijo.

Emquanto os dois jovens assim se conservavam amorosamente abraçados, passeava do outro lado da rua um homem, que constantemente olhava para as janellas do hotel.

Este homem vestido como um operario, ou para melhor dizer, como um carroceiro, trazia botas altas,

calça de bombazina por dentro das botas, cinta e blusa.

Tinha a barba castanha crescida, e do bonnet sahiam cabellos da mesma côr.

Nós já o conhecemos, era Sherlock Holmes, o celebre criminalista de Londres.

Tinha essa noite espiado a casa de Haberton e vira Stella sahir.

Curioso de saber onde a joven se dirigia, porque a tinha reconhecido pelo retrato que possuia, seguiu-lhe os passos.

«A' esquina da rua Stella tomou uma carruagem.

Antes de tomar a carruagem, porém, tivera ella o cuidado de cobrir o rosto com um espesso veu, evidentemente na boa intenção de que ninguém a reconhecesse.

Tudo isto revelou ao experimentado policia que Stella estava nas disposições de tomar um caminho secreto.

Resolveu desde logo segui-la.

Mas como não achava meio de fazer porque no seu traje era suspeito tomar uma carruagem, tomou o expediente de se agarrar ao eixo da carruagem entre as rodas de traz e assim não lhe foi difficil seguil-a na sua viagem mysteriosa.

Com grande espanto seu viu que a carruagem parava defronte do Hotel de Bowery.

Notou que Stella entrara no vestibulo do hotel e que desaparecera depois de trocar algumas palavras em segredo com o porteiro.

—Ter-me-hei eu enganado? perguntou Holmes a si proprio pasmado. Será esta graciosa rapariga, com todos os traços da innocencia, que o retrato que eu possuo tão felmente reproduz, será ella a digna filha de seu pae, do velho Haberton? Será ella porventura já uma peccadora?!

«Preciso descobrir isto.

O policia esperou defronte do hotel por Stella, mas esta não tornou a sahir.

Passado algum tempo avistou Holmes n'uma janella do 1.º andar a joven menina ao lado de um mancebo, e como ambos eram illuminados por uma lampada electrica da rua, pôde Holmes reconhecê-la.

—O diabo sabe o que se passa alli em cima, pensou Holmes, ainda tanto tempo, posso observar-o a ambos; o incendio só deve rebenatar á meia noite.

«O melhor, sem duvida, era se eu pudesse entrar n'esta casa.

Mas como poderia Holmes com o seu traje actual, entrar n'aquella casa?!

Era uma pergunta a que elle não podia responder de prompto.

Em todo o caso approximou-se da porta do hotel, onde parou indeciso.

O porteiro olhou-o desconfiado, e não parecia muito disposto a deixal-o entrar.

Emquanto Holmes se achava ainda junto ao portal, appareceu de repente o mancebo que elle vira em cima com Stella, e perguntou ao porteiro em voz alta:

—Não perguntaram por mim, mister?

«Ainda não esteve ali ninguém que perguntasse pelo advogado Harry Buckingham?»

—Não senhor, foi a resposta.

—Eu espero um juiz de paz, continuou o mancebo dando nova gorgeta ao porteiro. Faça favor de o conduzir ao meu quarto logo que o homem chegue.

—Muito obrigado, Sir, disse o porteiro guardando a gorgeta, mas, queira ter a bondade de me dizer qual é a apparencia e figura do juiz de paz; pois que não posso ir conduzir ao seu quarto o primeiro que me appareça.

—Isso, meu amigo, acrescentou Harry Buckingham, apparencia d'elle nem eu proprio sei.

«Pedi a um amigo meu de toda a confiança para me ir chamar um juiz de paz o mais depressa possível, e que m'o mandasse a este hotel, e esse amigo meu prometeu-me ir já tratar d'isso, de modo que se não deve demorar.

«Em todo o caso, deve ser um homem já de idade, e de sobrecasaca preta.

«Se vier um sujeito assim, mande-o subir immediatamente para o meu quarto.

Com um «muito obrigado» galgou Buckingham novamente a escada, até ao seu quarto.

Este curto dialogo, que Holmes ouvira, bastou para o fazer tomar uma resolução.

Desde logo desapareceu das proximidades do hotel para entrar na Hudsonstreet.

Parou junto de uma casa velha e pequena e tocou a campainha.

Poucos segundos depois a porta abria se.

Um homemsinho já de idade appareceu.

—Depressa, sr. Rolf, disse Holmes, entrando no vestibulo fracamente illuminado, traga-me do seu guarda-roupa um fato preto de sobrecasaca, uma cabelleira branca, barba completa tambem branca, e uns oculos antigos, mas de ouro.

—Ah! é o sr. Holmes, disse o velhote que tinha um guarda-roupa para aluguel na Hudsonstreet, o senhor terá de mim tudo o que desejar.

«Queira entrar e de tratar do seu disfarce. Isso é um instante.

Holmes vestiu por cima do fato que trazia, uma sobrecasaca preta comprida e calça da mesma fazenda, vestira tambem um collete branco, poz uns oculos sobre o nariz; não se esqueceu de pôr a cabelleira e barbas postiças, ambas brancas.

Depois d'esta transformação ninguém o reconheceria.

Calçou em seguida luvas brancas, poz na cabeça um chapéu alto de boa seda, e como complemento deu-lhe o velhote do guarda-roupa, uma magnifica bengala de canna da India com castão de ouro.

Em seguida Holmes affastou-se com a gravidade d'um magistrado.

Com toda a confiança entrou no Hotel Bowery e ao avistar o porteiro, disse-lhe tranquillamente:

—Desejo fallar ao sr. Harry Buckingham.

—Ah! o senhor é o juiz de paz? perguntou o porteiro ao velho de barbas brancas.

—Sou eu, sou, respondeu Holmes com voz fraca.

—Então queira subir ao 1.º andar, quarto n.º 13; lá encontrará com certeza o feliz parsinho.

«Provavelmente o senhor ainda hoje os unirá pelo matrimonio... felicitó do coração o bello mancebo, porque apanha uma linda e formosa mulher.

Holmes mal ouvia estas palavras.

Sem responder subira escada e aproximou-se do agourento numero 13.

Bateu á porta. Pouco tempo depois ouviu-se de dentro uma voz «entre» e o grande criminalista achou-se em frente da ruborizada Stella e do joven advogado que o recebeu cortezmente.

—Ah, sr. juiz de Paz, é o senhor, exclamou o joven advogado no auge do contentamento, permita-me que me apresente; sou o advogado Harry Buckingham e esta senhora... é minha noiva, miss Stella Haberton.

«Queira ter a bondade de nos reunir para toda a vida, pois que nós amamo-nos e queremos pertencer um ao outro eternamente.

—Trata-se então de um casamento? perguntou Holmes, e desde logo pensou que o mancebo queria realmente casar com Stella na mais pura das intenções.

«Sim, meu querido amigo, eu devia ter sido prevenido d'isso. Não me disseram nada d'isso.

«Não trouxe papeis comigo e preciso evidentemente de os ir buscar, bem como o livro de registros, para poder realizar um casamento legal.

—Que fatalidade! disse Harry Buckingham, mas, provavelmente o sr. Juiz terá a bondade de ir buscar já tudo que é preciso para o casamento.

«Eu não queria muita demora n'este assumpto.

«O sr. bem pode imaginar que nós temos muita pressa de nos recebermos por marido e mulher.

—Dentro de meia hora estarei de volta, respondeu Holmes, que já sabia que não era preciso avisar Stella e que nem tão pouco ella corria perigo, d'aqui a meia hora já tudo estará concluido. Eu não moro longe d'aqui e breve estarei de volta!

—Muito lh'o agradeço, sr. Juiz de Paz, respondeu Buckingham, e puxando Holmes de parte disse-lhe a meia voz:

«Mostrar-me-hei extraordinariamente grato com o sr. mas ande depressa, sim... eu receio que o pae da minha noiva nos venha ainda estorvar no ultimo momento, com alguma scena desagradavel.

—Ah, comprehendendo, respondeu Holmes, mas pode estar descansado... antes que o papá chegue, já eu terei realisado a cerimonia e o sr. estará casado ha muito tempo. Conto com isso. A's suas ordens.

Holmes desceu rapidamente a escada e achou-se na rua.

CAPITULO VII

O policia universal no barril

Chegado a casa do alugador de fatos, transformou-se Holmes novamente no carroceiro de ha pouco

e pediu ao dono da casa que lhe emprestasse uma carrocinha de mão, no que foi servido.

Sobre a carrocinha poz um pequeno barril de aguardente, que igualmente alli lhe emprestaram.

Um quarto de hora depois, deviam ser umas nove horas, parava Holmes com a carroça de mão defronte da porta do hotel.

Tirou o barril da carroça, e segurando-o com ambas as mãos, entrou no vestibulo do hotel.

—Olá, meu bom amigo, onde vae? perguntou o porteiro, que nem por sombras suspeitava que tinha na sua frente o mesmo homem que ha pouco cumprimentara como juiz de paz. Que traz ahí?

—Agua-ardente, respondeu Holmes.

—Ah, já sei, acrescentou o porteiro.

«O sr. David, o proprietario, já hoje me disse, que deixasse entrar um homem que havia de trazer um barril de agua-ardente.

«Mas vocemecê tem que o levar sósinho lá para baixo para a *cave*, acrescentou elle depois de uma pequena pausa. Aqui tem a chave da *cave*; ponha-o lá em baixo a qualquer canto; eu tenho muito que fazer senão ajudava o.

Holmes accitou a chave e desceu lentamente a sombria escada da *cave*.

Chegou defronte da porta que abriu sem difficuldade. Um ar frio e humido bateu-lhe na cara.

Entrou, fechou a porta atraz de si, e no mesmo momento carregou no botão da sua lanterna electrica e illuminou a *cave*.

A' claridade da lanterna, orientou-se na *cave*.

Junto ás paredes humidas estavam muitas pipas e deante d'estas barris pequenos; como em todas as *caves*, havia alli um cheiro pronunciado a agua-ardente.

Holmes collocou o pequeno barril no chão da *cave* e sentou-se em cima d'elle.

Servindo-se da lanterna viu as horas. Eram nove horas e dez minutos.

—Esperarei aqui tranquillamente, disse elle consigo, tirando d'uma algibeira o seu revolver e do outro umas algemas.

Quando á meia noite tudo estiver socegado no hotel e que não se ouça nada, ah, ah, então estou plenamente convencido que ha de vir um dos do bando de Haberton para examinar como corre o *negocio*. Mas eu me apoderarei do homensinho.

Naturalmente apparecerá o proprio Haberton; as algemas já estão promptas para elle. Muito me deve alegrar o recebê-lo aqui.

No momento em que elle entrar na *cave*, prendello-hei sem mais delongas.

De resto o capitão da policia de Grandstreet já está prevenido por mim, e á meia noite estará cercando a casa com toda a sua policia secreta.

Um signal meu é o bastante para a minha gente apparecer.

A Sherlock Holmes parecia-lhe o tempo longo enquanto esperava sentada no barril.

Demais a permanencia na *cave* não era muito agra-

davel; o cheiro da agua-ardente incommodava o nosso policia amador.

Holmes começou a sentir uma canceira inexplicavel, uma fraqueza, um entorpecimento a que não podia fugir.

Não queria dormir.

Não era costume seu o deixar-se vencer pelo cansaço n'um posto tão arriscado, mas... antes que elle o pudesse impedir tinham-se-lhe cerrado os olhos, e não tardou muito que elle não acorcesse profundamente.

De repente abriu-se uma porta lateral.

Primeiramente appareceu uma cabeça, em seguida dois olhos dirigiram-se desdenhosamente para o dorminhoco.

A' cabeça seguiu-se um corpo. Era Haberton. Fez um signal para a fora, e logo appareceu um segundo, depois um terceiro, e em menos de um minuto entravam na *cave* uns vinte homens cujos rostos sinistros não depunham nada bem em seu favor. Uns vinte facinorosa!

—Alli está o cão d'um espião da policia, disse a meia voz Haberton aos seus companheiros, que cumprunham o bando dos «Pyrilampos de New-York».

«Agora, meus amigos, vamos a inutilisar este espião.

«Vamos, atirem-se a elle e amarrem-n'o, para estar seguros de qualquer surpresa.

Dez homens cabiram sobre Holmes, que pelo effeito do cheiro do alcool ainda não acordára. Não obstante possuir o policia o ouvido mais apurado que se possa imaginar, e de ordinario ouvir quando dormia o mais leve ruido.

Um dos homens vinha prevenido com um panno que lançou sobre a cabeça de Holmes tapando-l'h'a.

Os outros atiraram-se a elle como uma matilha, e enquanto elle acordava e percebia o que se passava, foi amarrado de pés e mãos.

—Lanternas! ordenou Haberton.

«Vamos illuminar a cara do patife. Talvez algum de vocês o conheça. He! Schneemann! Chega-te aqui.

O pequeno secretario carcunda apressou com as suas curtas pernas a vir para o lado do seu... commandante.

—Schneemann, tu és o melhor conhecedor de toda a policia secreta de New-York.

«E' essa a tua especialidade, e já me tens prestado bons servicos com isso.

«Examina bem este homem, mas arranca-lhes antes d'isso a cabelleira e as barbas porque ambas são postigas.

Holmes não poude impedir que lhe tirassem a cabelleira e as barbas, de maneira que agora estava deante dos miseraveis tal como era.

O carcunda agarrou n'uma lanterna, e projectou-lhe a luz na cara do criminalista.

—Estamos perdidos, sahí dos labios de Schneemann, se não *estafarmos* este gajo.

—Então sabes quem é?...

—Não é outro senão... o celebre policia amador. Sherlock Holmes, de Londres!

Estas palavras produziram um effeito terrível nos «Pyrilampos de New-York».

Alguns gritavam aterrorizados, outros fugiam para a porta tremendo, e até o proprio Haberton reconu instintivamente como se houvesse recebido uma chicotada em pleno rosto!

Mas immediatamente se lembrou o renegado, que o temido policia estava amarrado e que não lhe podia fazer mal a elle Haberton... antes pelo contrario.

Com um sorriso ironico e triumphante aproximou-se de Sherlock Holmes e curvando-se sobre elle, disse-lhe:

—Puzeste, porventura na tua idéa o enganar-me, Sherlock Holmes? Bem vez que eu soube fazer te cahir n'uma boa armadilha.

«Agora... a tua sorte está decidida.

«Vamos, amigos... mettam-nó n'um d'esses baris. Que seja dos grandes, que é para o corpo d'este cão caber bem. Depois fechamol-o e largaremos fogo á cave... mas com a devida regra.

«O hotel ha de ser esta noite devorado pelas chammas. É um bello negocio para nós, e até um duplo bem; pois nas chammas morrerá o nosso mortal inimigo, Sherlock Holmes, de Londres.

Os homens atiraram-se ao amarrado soltando pragas de selvagens, e como o policia não podia defender atiraram-no sem difficuldade para dentro do barril.

—Suspendam! gritou Holmes quando lhe iam para tapar o barril.

«Suspende, Haberton, se te desfazes de mim, desfazer-te-has ao mesmo tempo do ente mais querido que tens sobre a terra.

—Está doido, disse Haberton dando uma gargalhada diabolica. Ah! ah! O que tenho de mais querido no mundo, encontra-se em minha casa, pois que é... minha filha!

—Poys bem... matarás tua filha, se me matares aqui, tyranno sanguinario; sabe pois bandido...

Mas o proprio Haberton collocára a tampa no barril.

Logo se ouviram martelladas que fixavam a tampa ás aduellas do barril, com grandes pregos.

A pipa, em que Holmes se encontrava, estava hermeticamente fechada.

Pouco depois, ouviu Holmes os assassinos correrem na cave de um lado para o outro.

Até mesmo lhe não escapou o ruído do accender de phosphoros.

Por ultimo, ouviu a voz de Haberton, que exclamou:

—«Pyrilampos de New-York...» fizestes já o vosso trabalho. Depressa, segui-me pela porta secreta para o predio do lado, onde vamos ficar, para observar o effeito do fogo.

Holmes ouviu então os passos dos bandidos que se afastavam.

Na cave começou a ouvir uma crepitação rapida e Holmes percebeu que o fogo começava a lavrar com intensidade.

Então o policia animou-se com a força do deses-

pero. Devia elle morrer alli de uma maneira tão miseravel, asphixiado pelo fumo e em seguida queimado?

Talvez ainda houvesse soccorro para elle.

Levou as mãos á bocca e começou a morder as cordas.

Por felicidade para elle os «Pyrilampos de New-York» tinham feito uso de cordas já podres, e Holmes conseguiu facilmente quebral-as com os dentes.

Ao mesmo tempo libertára se tambem das cordas dos pés.

Era preciso porém sahir do barril. E isso era o mais difficil.

No ponto em que a tampa fora pregada ás aduellas era impossivel certamente o escapar-se.

Mas talvez... pudesse arrombar o fundo do barril.

Para isso era preciso voltal-o.

Com toda a força atirou-se de encontro ás paredes do barril e um grito de alegria se lhe escapou dos labios, quando o barril se voltou com elle.

Logo a seguir palpuo com os pés o fundo do barril, e pareceu-lhe que por causa da constante humidade, este estava já meio arrombado, de maneira que não lhe foi muito difficil arrombal-o.

Mas era preciso obrar depressa; pois que bem sabia elle que não bastava sahir do barril, era preciso tambem sahir da cave o mais depressa possivel.

Ferramentas não lhe faltavam, pois que elle tinha consigo uma pequena alavanca de bom aço inglez.

Com ella fez pressão no fundo do barril em redor e ao cabo de tres minutos estava o trabalho concluido.

Um violento e medonho pontapé fez saltar o fundo do barril e finalmente Holmes sahiu da horrivel prisão.

Mas reconu assustado, porque enormes linguas de fogo chegavam até elle.

Repentinamente lembrou se d'uma passagem secreta para o predio do lado, de que Haberton fallára Precipitou-se para ella.

A porta estava fechada.

Mas, o receio da morte deu-lhe forças de um hercules.

Com todo o peso do seu corpo atirou-se de encontro e fel-a voar deante d'elle.

Entrou vacillante n'um escuro corredor, e teve que se deitar ao chão com a cara para baixo, pois que o fumo e o fogo quasi que o atordoavam.

CAPITULO VIII

A prisão do incendiario

Com a grande energia, de que só seria capaz o corpo d'aço do genial policia, levantou-se este rapidamente e voou, impellido pela fumarada, pelo corredor fóra.

Agora tornava-se o ambiente mais puro, e Holmes foi apalpano até a uma escada, que devia conduzir á luz do dia.

Achava-se agora n'um corredor onde havia muitas portas.

Os Pyrillamos de New-York pareciam n'esta casa entregues á maior despreocupação.

Holmes ouviu-os n'um dos quartos fallar e até gritar.

Parecia reinar entre elles desaccordo; provavelmente tratava-se da devisão da presa.

Só a voz de Haberton se não ouvia.

Holmes não o ouvia e d'ahi concluiu que o chefe do bando se não achava entre elles.

Por felicidade abriu Holmes uma outra porta e espreitou para um aposento pequeno, que estava vazio.

Agora, porém, ouvia elle a voz de dois homens que discutiam acaloradamente um com o outro.

Eram Haberton e Abraham Fisch.

— Não é verdade, gritava Haberton, não pôde ser, não, não, você mente, Abraham Fisch.

— Então convença-se você proprio, dizia Abraham tranquillamente.

«Eu sempre tive suspeitas de que Stella nas suas costas mantinha relações amorosas com outro, e... as minhas suspeitas confirmaram-se.

«O homem por quem eu a mandei espionar, declarou-me hoje que ella abandonou a casa paterna.

«Para onde foi ella, diga-me Haberton, para onde foi ella de carruagem?

«Julga você, que eu estou disposto a casar com uma mulher, que já pertenceu a outro!

«Se eu o fizer, ha-de você pôr por cima do dote ainda mais 300.000 dollars.

— Ah! você pensa assim, Abraham, rugiu Haberton, então vá para o diabo que o carregue.

«Minha, filha, Stella, implorou além d'isso que não lh'o dêsse a você por marido, au que eu lh'e retorqui:

«Tem de ser... e ella como filha educada na obediencia, não se recusou á minha vontade.

Ah! mas elle é issol... Não! Stella tem razão. O senhor é um homem com quem se não deve ter negocios. O meu sentimento para o casamento está retirado!

— Sim, está retirado? disse Abraham Fisch em tom de ironia.

«Mas pela minha parte é que nada está retirado, porque se eu não receber sua filha por mulher com o competente dote de 500.000 dollars em metal sonante, a policia de New-York saberá quem é o chefe dos «Pyrillamos.»

N'este momento viu Holmes que Haberton se deitava a Abraham Fisch e o subjugava.

A cadeira, em que Fisch até então estivera sentado, cahiu para traz, e ambos os luctadores foram a terra, isto é, ao chão.

Rapidamente abriu-se a porta.

O policia universal appareceu no limiar.

Com uma violenta cacetada poz immediatamente Abraham Fisch fora de combate.

E em seguida agarrou com os seus pulsos de ferro o renegado Haberton.

— Um phantasma! disse Haberton com voz estragulada, elle vive, não obstante o termos amarrado e pregado dentro do barril!

— Pensas isso, patife, disse Holmes sorrindo.

«Eu já vou provar que sou um homem de carne e osso, Haberton. Abraham Fisch não te poude responder á pergunta, onde se encontrava tua filha? Eu sei-o e vou dizer-t'o.

Com voz terrivel disse-lhe ao ouvido:

«Tua filha está a esta hora nos braços do advogado Harry Buckingham, do seu esposo, com quem casou esta noite.

— Maldita seja ella! gritou Haberton. Sim, maldita seja ella, se contra minha vontade casou com esse homem, o filho do meu mais encarniçado inimigo. Já não é minha filha.

— Isso é o menos, que ella esta noite se tenha tornado mulher de Buckingham, respondeu Holmes, mas... quero-te contar mais e melhor, Haberton. Tu lançaste esses dois jovens nos braços da morte; pois que elles festejam a sua noite de nupcias no Hotel Bowery, na mesma casa que incendiaste ha pouco.

Um grito de louco terror se escapou dos labios de Haberton.

— Não é verdade, rugiu elle, não é verdade. Tu queres fazer-me desesperar, com a tua mentira!

— Bem, não me acreditas? replicou Holmes encolhendo os hombros. Então vaes-te convencer! Vem comigo, vou conduzir-te onde está tua filha, talvez ainda seja tempo de a salvar.

Sherlock Holmes agarrou o chefe dos Pyrillamos de New-York, por um braço, e arrastou-o atraz de si pela escada abaixo.

O renegado não oppoz a mais leve resistencia e bem depressa alcançaram a rua.

Ahi uma compacta multidão de gente se apinhava e olhava com horror para o hotel incendiado.

N'este momento puxaram levemente, pela parte de traz, o casaco de Sherlock Holmes e este voltando-se viu o seu discipulo Harry Taxon que disse:

— Ora até que o encontrei, mestre. Cheguei hoje no Hudson-Metropole, depois de ter desempenhado em Old-England a missão que me confiou.

— Alegra-me, meu querido Harry, que estejas aqui. Podes já prestar-me um bello auxilio.

Dizendo estas palavras voltou-se novamente para Haberton, mas com grande espanto seu, este tinha desaparecido.

«D'esta vez a tua chegada, auxiliou a fuga d'um patife, disse Holmes ao discipulo. Bom, vamos haver como havemos de reparar o mal.

Dizendo isto, abriu com os cotovellos caminho atravez da multidão. Dirigiu-se ao commandante dos bombeiros e segredou-lhe algumas palavras. Levando apito á bocca, deu o commandante um signal, e immediatamente appareceram algumas escadas automaticas, que foram alçadas para o hotel.

Sherlock Holmes galgou os degraus d'uma das escadas, dizendo ao discipulo, que o queria deter:

— Deixa-me, meu filho! N'esta casa a arder, vou encontrar a solução do enigma.

Galgando os degraus chegou o genial policia ao cimo; um valente socco n'uma das janellas do segundo andar, despedaçou-a, e a sua esguia figura desapareceu no interior do brazeiro.

Todos os olhares se voltaram para este feito, mas um outro spectaculo desviou a attenção dos espectadores.

No telhado da casa incendiada apparecera um manco trazendo nos braços a figura esguia d'uma mulher joven, e correndo atravez do fumo e chammas diligenciava alcançar o predio visinho que não fôra attingido pelo fogo. Eram Buckingham e a sua Stella que por este meio procuravam a salvação. Atraz d'elles precipitou-se um homem velho, que se esforçava por alcançar os fugitivos ao terrivel elemento.

O manco com o seu preciso fardo alcançou o predio salvador e ponde ser agarrado pelos bombeiros que são e salvo o recolheram para dentro do predio illeso. Mas o seu perseguidor ainda não tinha chegado ao fim do primeiro telhado, quando compridas linguas de fogo o alcançaram e fizeram recuar. Desistiu do seu intento e desapareceu nos rolos de fumo que o cercavam.

Entretanto Sherlock Holmes penetrára no quarto n.º 13 e encontrou-o vasio, pois que os noivos, aproveitando a sahida secreta do armario, se haviam escapado para o telhado.

Para se convencer se elles teriam conseguido a salvação, seguia o mesmo caminho, quando tropeçou n'um corpo inanimado, no qual reconheceu Haberton.

Agarrando-o immediatamente, correu com elle para a janella mais proxima e gritou por soccorro. Os bombeiros apressaram-se a estender um panno de salvação, para onde Sherlock Holmes arremegou o criminoso renegado, atirando-se elle logo a seguir com um arriscado salto para o mesmo panno.

Tudo correu bem. Porém Haberton, estava morto.

Era tempo. Pois com medonho estrondo mal elle fora agarrado pelos bombeiros, desmorravam-se as paredes e abatia o telhado do Hotel-Bowery.

Holmes, porém, correu acompanhado do seu discipulo offegante, ao encontro do capitão da policia da Grandstreet, e ordenou-lhe que cercasse immediatamente a casa onde se encontravam os «Pyrilampos de New-York».

Estes depois de alguma resistencia foram todos presos.

Entre elles estava tambem Abraham Fisch, que entretanto recuperára os sentidos.

Todos entraram por muitos annos para uma penitenciaria.

FIM

Ler no proximo numero:

A envenenadora de Castle Rock

Aventuras extraordinarias de um policia secreta

60 rs.

cada numero contendo sempre
uma obra completa

rs. 60

Redacção e administração de

ANOVELLA POPULAR

11, Rua Ivens 13
Lisboa

Collecção Galante Illustrada

Explendidos romances de amor, com magnificas
photogravuras

A publicação mais barata de Portugal

300 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 300

Volumes publicados

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2.^a edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Deusa do amor, por Jean Valgorgue.—V Estroinices de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volupia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Joze.—XI Tormentas de amor, por Guy de Téramond.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propria, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Voluptuosidades imperiaes, por Guy de Téramond.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugaes, por Theodor Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Téramond.—XXII As que escorregam, por Theodor Cahu.—XXIII Delirios da carne (*Amores de uma freira*), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Amadeu Boyer.—XXVI Sereia, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bacchantes, por Jean Gravinzi.—XXVIII—O menino bonito, por Jean Valgorgue.—XXIX—Viuvias ardentes, por Victor Joze.

Em preparação

XXX.—Amantes femininos, por Adrienne Saintange.

Pedidos á:

Typographia Luzitana Editora

MODERN-BIBLIOTHECA

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
no texto

A *Modern-Bibliotheca* será constituída por edições luxuosas e artisticas, todavia accessiveis aos menos abonados, offerecendo-lhes, por baixos preços, as obras primas dos melhores escriptores modernos, dos grandes mestres do romance naturalista, baseadas em factos da vida real, analysados com invulgar observação e critica salutar.

Volumes publicados

I—Ditosa Lar, por Marcel Prévost

II—Aphrodite, por Pierre Louys.

III—Prima Laura, por Marcel Prévost.

Em preparação

Em Férias, de Henry Regnier—Sire, de Henry Lavedan—André Cornélius, de Paul Bourget—Memorias d'um fidalgo, de Abel Hermant, etc., etc.

Preço 500 réis

Collecção Amorosa

NOVELLAS E CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 100

A nova publicação, que lançamos a publico n'uma edição esmerada e no alcance das bolsas menos abonadas, formará uma preciosa collecção das mais lindas novelias e contos que a litteratura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados constituirá uma pequena bibliotheca de raro merecimento litterario, precioso escripto de verdadeiras maravilhas d'arte.

Acham-se já publicados:

O Segredo de Suzanna, por M. Prévost Uma lição, por Emile Zola Missão delicada, por M. Prévost Historietas brejeiras, por Armand Sylvestre Seis mulheres para um homem, por C. Aubert Contos do convento, por Catulle Mendès A conquista do amor (Nantas), por Emile Zola. O amigo Ulysses por C. Aubert Os ultimos bandidos, por C. Aubert Cartas de mulher, por M. Prévost

No próximo:

N'uma noite de verão, por Emile Zola. Casamento d'amor, por Ludovico Halevy. Quadros vivos, por T. de Banville.

Pedidos á

Typographia Lusitana Editora, 11, R. Ivens 13

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances
de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com ex-
plendida capa artistica Rs. 100

Volumes publicados

A enterrada viva, por Julio Lermina. O mascara negra (*Proezas de Raffles*), por E. W. Hornung. O segredo do abysmo, por G. Le Faure. O castigo d'um falsario (*Proezas de Raffles*) O amante da rainha, por Jean Kerleac. O roubo das reaes ordens (*Proezas de Raffles*). Um rival de Sherlock Holmes, por Hector Fleichmann. Uma aventura nocturna (*Proezas de Raffles*). Um parisiense na Persia, por Paul d'Ivoi. O estratagemma d'um banqueiro, (*Proezas de Raffles*) O padre sangrento, por Michel Delines O principe jogador (*Proezas de Raffles*). As catacumbas de Paris (*Proezas de Raffles*). As vingancas de Musolino por Michel Delines.

A apparecer brevemente

O retrato da princesa

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O GATUNO AMADOR

alternará no Livro Popular com novelias d'outros auctores, seleccionadas com o maior escurpulo.

Dirigir pedidos á

Typographia Lusitana Editora, 11, Rua Ivens, 13, Lisboa

A apparecer brevemente:

O MEDICO POPULAR

Methodo facil de curar sem intervenção clinica

A INVASÃO AMARELLA

Pelo Capitão DANRIT

Edição popular magnificamente illustrada e esmeradamente impressa

60 RS. CADA NUMERO CONTENDO SEMPRE UM EPISODIO COMPLETO RS. 60

e excepcionalmente o primeiro numero 40 réis

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia, lançará dentro em poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela entrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, feroze e implacaveis herdeiros de Attila e de Tchengis Kan!

O Japão fornecerá materiaes e dirigentes; a China milhares de soldados.

Quem lhes impedirá a passagem?

A Russia, extenuada e gasta pelas constantes luctas intestinas? A restante Europa, sequiosa de prazeres e de gosos, inteiramente entregue ás estupidas theorias humanitarias?

Eis o empolgante problema que o capitão Danrit procura desenvolver nas pag nas do seu admiravel romance

A Invasão Amarella

destinado, segundo cremo-, a obter tambem entre nós o extraordinario exito conseguido em todos os mercados literarios estrangeiros

A par das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor de

A INVASAO AMARELLA

enriqueceu a sua maravilhosa obra, fere-se tambem n'ella, com inexcusable mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a praticar os mais audaciosos actos de heroismo.

A Invasão Amarella

que será publicada quinzenalmente, n'um formato elegante, em bom papel e magnificamente illustrada, custará o modico preço de

RS. 60 CADA NUMERO CONTENDO SEMPRE UM EPISODIO COMPLETO RS. 60

recebem-se desde já assignaturas na

Empresa Luzitana Editora, 11, R. Ivens, 13

Prazeres secretos do amor

peço dr. Jaf.

1 grosso vol. ed. de luxo e capa

artistica 600 rs.

OOOOOOOOOOOOOOOOOOOO

Grande exito!
A novidade do dia!
Memorias d'uma parteira
por Victorien de Saussey
Assumpto empolgante
O livro mais discutido em franca, onde causou enorme sensação
1 VOL. edição de luxo com bella capa artistica
600 r-61m

OOOOOOOOOOOOOOOOOOOO

Quadros Synopticos

BOTANICA

PARA A

4.ª e 5.ª CLASSE DOS LYCEUS

Esta obra é d'uma grande utilidade para os alumnos que frequentarem qualquer d'estas duas classes, tendo por fim poupar o tempo que os estudantes teriam de perder se estudassem pelos livros adoptados.

Este importante auxiliar facilita o estudo da Botanica não só aos exames e repetições como tambem durante a epoca de estudo. Os

Quadros Synopticos de Botanica vieram preencher uma lacuna que existia ha muito no nosso meio escolar.

Preço 200 reis

OOOOOOOOOOOOOOOOOOOO